

Património Imaterial



Inv. : PROC/0000000202

Denominação: Bordado de Castelo Branco

Domínio: Competências no âmbito de processos e técnicas tradicionais

Categoria: Manifestações artísticas e correlacionadas

Outras denominações: Colchas de Castelo Branco;
Bordado a frouxo

Contexto tipológico: O Bordado de Castelo Branco é um produto artesanal único, com uma imagem forte e singular facilmente identificável no conjunto dos bordados portugueses. Trata-se, no essencial, de um bordado rico, a fio de seda, onde predomina o chamado ponto de Castelo Branco (ponto largo ou, como antigamente era conhecido, bordado a frouxo) e sublinhado por uma gramática decorativa muito característica.

Dentro desta tipologia de bordado tradicional português destacam-se as emblemáticas Colchas de Castelo Branco, peças bordadas segundo desenhos cuja matriz remonta a colchas portuguesas do século XVIII.

Ocorrem com uma singular abundância por toda a Beira Baixa mas só são apercebidas como um conjunto único e precioso no final do século XIX, aquando da visita do Rei D. Carlos e da Rainha D. Amélia à cidade de Castelo Branco.

O Bordado de Castelo Branco, atividade que desde há oitenta anos mobilizou na cidade e região, largas centenas de bordadeiras, corresponde assim a uma produção de bordado a seda natural sobre linho, feita segundo um conjunto eclético de modelos, trabalhados ainda de um modo muito solto, pois raramente se veem cópias, mas sim reinterpretações dos modelos existentes, sendo frequentes as misturas e combinações de motivos das várias tipologias.

Publicado na internet

Contexto de Produção

Contexto social

Tipo	Nome
Grupo	Centro de interpretação do Bordado de Castelo Branco
Indivíduo	Maria do Céu Relvas
Indivíduo	Augusta Nunes Martins Gonçalves
Indivíduo	Atelier Alma das Gentes
Indivíduo	Laura Maria dos Santos Ascensão
Indivíduo	Maria de Fátima Ribeiro Fernandes Catarino
Indivíduo	Maria Alice Marques Gordino
Indivíduo	Maria Manuela Serrano Goulão
Indivíduo	Maria Otília Moita Marques Biqueira
Indivíduo	Maria Madalena Veríssimo Novo
Comunidade	Conjunto de artesãs/bordadoras do distrito de Castelo Branco
Grupo	Museu Francisco Tavares Proença Júnior
Grupo	Bordadoras ex-funcionárias da oficina do Museu Francisco Tavares Proença Júnior

Especificações O universo atual de bordadeiras de Castelo Branco pode ser dividido entre aquelas que trabalham de modo assíduo e contínuo nesta produção (artesãs profissionais com carta de artesanato e de unidade produtiva artesanal), dela obtendo um rendimento; as que, embora dominando o saber-fazer, bordam como complemento de outra atividade profissional; ou ainda aquelas que bordam apenas por prazer, orientando o seu trabalho numa perspetiva de autoconsumo.

As profissionais são, na maioria, aquelas que têm a sua produção certificada (trabalhando por conta própria ou integrando um grupo/unidade produtiva artesanal) e que correspondem a cerca de 10/11 bordadeiras. De salientar neste grupo, as 5 bordadeiras que trabalham no Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco, importante espaço de divulgação e promoção desta arte tradicional apoiada pela Câmara Municipal. Com produção orientada para o mercado encontram-se ainda cerca de mais 10 bordadeiras, embora não façam parte do processo de certificação e respondam, sobretudo, a encomendas diretas na sua residência.

As bordadeiras sem vertente comercial de produção ascendem às centenas e encontram-se espalhadas por todo o território de Castelo Branco, sendo aqui preciso destacar, pelo percurso que tiveram e o grande domínio que apresentam da técnica envolvida nesta arte tradicional, a dezena de antigas bordadeiras que trabalharam na oficina de bordado do Museu Francisco Tavares Proença Júnior (que hoje conta apenas com uma bordadora/restauradora).

Em termos de distribuição geográfica, a grande maioria das bordadeiras pertence ao concelho de Castelo Branco, principalmente à freguesia com o mesmo nome. No entanto, existe igualmente uma grande tradição de manufatura de bordado de Castelo Branco nas freguesias de Escalos de Cima, Alcains e Mata e, embora em menor escala, também nas freguesias de Sarzedas, Ninho do Açor, Tinalhas, Póvoa de Rio de Moinhos, Salgueiro do Campo, Escalos de Baixo, Lousa, São Vicente da Beira, São Vicente da Fraga, Freixial do Campo, Juncal do Campo, Benquerenças, Malpica do Tejo, Monforte da Beira e Retaxo. Para além do município de Castelo Branco, existem núcleos de bordadeiras espalhadas pelo distrito, nomeadamente nos concelhos de Vila Velha de Ródão, Fundão, Proença à Nova, Covilhã, Penamacor, Oleiros, Belmonte e Vila de Rei, facto que atesta a importância económica e o poder de atração desta produção.

Contexto territorial

Local Distrito: Castelo Branco País: Portugal.

Classificação geográfica Portugal.

NUTs Beira Interior Sul

Contexto temporal

Periodicidade O Bordado de Castelo Branco é confeccionado ao longo de todo o ano.

Caracterização

Caracterização síntese

O Bordado de Castelo Branco é um produto artesanal único, cuja imagem é facilmente identificável no conjunto dos bordados tradicionais portugueses. Trata-se de um bordado rico, a fio de seda, onde predomina o chamado ponto de Castelo Branco e possuindo uma gramática decorativa muito própria.

Dentro desta tipologia de bordado tradicional português destacam-se as emblemáticas Colchas de Castelo Branco, peças bordadas e sublinhadas por uma gramática decorativa segundo desenhos cuja matriz remonta a colchas portuguesas do século XVIII.

As Colchas de Castelo Branco são peças de linho, bordadas a seda natural, predominando, de um modo muito impressionante, a utilização do “Ponto de Castelo Branco”. Anteriormente, esse mesmo ponto denominava-se “ponto largo” e, como a seda com que se bordava era “frouxa”, pouco torcida, também se dizia “bordar a frouxo”. A nova designação, “Ponto de Castelo Branco”, generalizou-se com o relançamento da produção oficial de colchas, feita a partir dos anos 40 do século XX e que o Estado Novo retomou e ampliou como património da arte têxtil portuguesa ligada ao território de Castelo Branco.

O “Ponto de Castelo Branco”, os motivos e composições em que é utilizado, bem como o uso, em exclusivo, de seda natural, sobre uma base de linho, imprimem ao Bordado de Castelo Branco uma especificidade e uma riqueza que o tornam único no panorama dos Bordados Portugueses.

Caracterização desenvolvida

O Bordado de Castelo Branco, atividade que desde há oitenta anos mobilizou na cidade e região, largas centenas de bordadeiras, corresponde a uma produção de bordado a seda natural sobre linho, feita segundo um conjunto eclético de modelos, trabalhados ainda de um modo muito solto, como reinterpretações dos modelos existentes (nas colchas), sendo frequentes as misturas de desenhos, motivos e composições das várias tipologias existentes.

As matérias-primas utilizadas tradicionalmente na produção do Bordado de Castelo Branco são o linho e a seda natural, o linho constituindo o tecido de suporte e a seda, em fio, sendo usada para bordar.

Historicamente encontram-se algumas peças bordadas sobre seda, mas tal não constituiu a regra, sendo o linho o suporte de eleição.

- O linho

O Bordado de Castelo Branco executa-se sobre tecido de linho (ou atualmente também meio linho).

Com efeito, o linho utilizado tradicionalmente era tecido manualmente, evidenciando uma textura muito fina, de tal qualidade que se confunde com algodão, tal a sua macieza e maleabilidade. Atualmente isto não acontece e o linho produzido artesanalmente pelas tecedeiras da região, apresenta uma textura demasiadamente rígida e áspera, que é de desaconselhar, pelo que se utilizam linhos e meios linhos produzidos industrialmente, cujas texturas ficam mais próximas

daquelas que se encontram nas peças históricas.

- A seda

A especificidade do bordado de Castelo Branco reside em absoluto na utilização de fios de seda natural na sua execução. De salientar a existência, ainda hoje, de produção local de cerca de 30 kg de seda (eco seda certificada produzida no Museu da Seda). No entanto também se recorre a seda vinda do estrangeiro, nomeadamente de Itália e do Brasil.

Descrição do modo de produção, designadamente técnicas, ferramentas utilizadas e equipamentos auxiliares

- Desenho

No bordado de Castelo Branco verifica-se sempre a existência de um desenho subjacente. Nas colchas históricas, esse desenho foi feito por debuxadores, à pena e com tinta ferrogálica. Mais tarde, a partir de finais de século XIX e século XX, os desenhos, existentes em papel vegetal, foram (e são ainda) passados a papel químico.

- Equipamentos

Bastidor

O Bordado de Castelo Branco utiliza um bastidor horizontal (retangular ou quadrangular), de pé, estrutura composta por duas ripas de madeira perfuradas que encaixam noutras duas, nas quais se vai enrolar o tecido de linho. Estas ripas encaixam em dois pés que dão altura ao bastidor e o estabilizam. Na parte de cima dos dois pés existem cavilhas que permitem mudar a posição do trabalho.

Deve prestar-se especial atenção à montagem da tela de tecido no bastidor que deve ficar alinhada e bem esticada para que o desenho não fique distorcido.

Tear de franjas (manual ou mecânico)

Com excepção das Colchas, o remate das peças com franja não é regra mas, quando existe, a franja pode ser feita, quer num tear manual, quer num tear mecânico.

De estrutura muito simples, o tear de franjas (manual) é composto por uma caixa com aproximadamente 10x30cm onde, no topo, se encaixa uma tábua com cerca de 28cm de altura, com orifícios equidistantes a meio e, entre cada orifício, duas ranhuras. No outro extremo da caixa existe um pequeno órgão com manivela e um orifício que serve para introduzir a cavilha e trancar o mesmo.

O tear de franjas mecânico pode também ser usado e em nada compromete a qualidade e o resultado final da franja.

Utensílios

Os utensílios usados no bordado de Castelo Branco são a agulha, o dedal e a tesoura.

Caracterização do Bordado de Castelo Branco

- Cor

Não é fácil definir a paleta cromática do Bordado de Castelo Branco. De facto, as cores hoje visíveis nas peças antigas já sofreram um processo de desvanecimento e de alteração que as modifica, por vezes, significativamente. Está em curso um estudo sobre pigmentos que coram as linhas com que foi bordado um conjunto de colchas históricas selecionadas para o efeito, cujos resultados poderão ajudar a redefinir a paleta cromática original deste Bordado.

Com efeito, na operação de relançamento da produção de Bordado de Castelo Branco, ocorrida a partir de 1939, este cuidado e atenção não foram tidos em conta, pelo que se têm usado cores bastante diferentes das originais. Acresce ainda que, durante os anos 50 e 60 do século passado, que correspondem à grande produção da oficina de Elísio José de Sousa, houve uma certa adequação da produção às cores que então estavam na moda na decoração de interiores, que, por esse motivo, passaram a dominar o cromatismo do Bordado de Castelo Branco.

A tudo isto soma-se também o facto de que o fornecimento de linhas de seda não tem sido fácil, pelo que, muitas vezes, perante a sua escassez se bordou (e se borda) com as linhas (e cores) que o mercado oferecia e não com aquelas que seriam mais adequadas, situação que ainda hoje, por vezes, se verifica.

Referem-se algumas cores metálicas e vibrantes, que deverão ter feito parte da paleta cromática mais antiga, tais como o Verde Windsor, Verde Bexiga e Verde Sapo; o Amarelo Ouro; o Ocre Ouro, Ocre cor de Cobre; o Branco Iridiscente; o Azul cerúleo, Azul-cobalto; o Carmim, Violeta, Castanho

de Garança, Rosa de Garança

- Pontos de bordar

Na produção oficial de Bordado de Castelo Branco predomina o uso do Ponto de Castelo Branco, também conhecido por “ponto largo”, “bordado a frouxo” ou “ponto lançado com prisões”, aquele ponto que, maioritariamente, cobre grande parte dos motivos.

Tradicionalmente outros pontos de bordar se associam ao Bordado de Castelo Branco, mas, após a campanha de relançamento ocorrida a partir de 1939, essa panóplia alargou-se, integrando muitos mais.

O elenco completo dos pontos de bordar utilizados no Bordado de Castelo Branco (48) é o seguinte (de acordo com a terminologia local):

01. Ponto de Castelo Branco
02. Meio ponto de galo
03. Ponto aranha
04. Ponto atrás
05. Ponto cheio
06. Ponto cheio a dez fios
07. Ponto cordoné
08. Ponto de asna
09. Ponto de barras cheio a duas cores ou Rede de barras
10. Ponto de cadeia
11. Ponto de cadeia composto ou misto
12. Ponto de espinha ou de espiga
13. Ponto de pesponto
14. Ponto de pena
15. Ponto dos nozinhos
16. Ponto embutido a duas cores
17. Ponto folha da fábrica
18. Ponto grilhão
19. Ponto margarida
20. Ponto matiz
21. Ponto pé-de-flor
22. Ponto pé-de-galo
23. Rede cruzada dupla
24. Rede cruzada simples
25. Rede cruzada pespontada
26. Rede das asas
27. Rede das estrelinhas duplas ou composta
28. Rede das estrelinhas simples
29. Rede das janelas
30. Rede das setas duplas
31. Rede das setas simples
32. Rede de dois pontinhos
33. Rede de um pontinho
34. Rede do arroz
35. Rede dos bicos ou cheio de bicos
36. Rede dos laços a dez fios
37. Rede dos laços
38. Ponto de Castelo Branco com prisões em bico
39. Rede dos losangos a duas cores
40. Rede dos losangos duplos
41. Rede dos losangos simples
42. Rede dos quadradinhos com cruz
43. Rede dos quatro pontinhos dupla
44. Rede dos quatro pontinhos intervalados com nozinhos
45. Rede dos quatro pontinhos simples
46. Rede dos triângulos juntos

47. Rede dos triângulos simples

48. Rede torcida

- Gramática decorativa

Como já foi referido, quando, no final dos anos 30 se relançou a produção do Bordado de Castelo Branco, TODAS as colchas bordadas a seda que se encontravam na região foram tidas como modelos adequados e, os seus elementos utilizados nas novas composições, passando a integrar, a definir e a identificar toda a produção oficial do século XX até à atualidade. A comprová-lo temos, quer os desenhos que existem no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, originários da oficina da Mocidade Portuguesa - bem como todos os demais que ali foram elaborados, quer os desenhos produzidos na Casa-Mãe, a oficina de Elísio José de Sousa. Existem ainda desenhos feitos a partir destas duas fontes principais (as oficinas da Mocidade Portuguesa e a Casa Mãe) por uma ou outra bordadeira, os quais, todavia não se afastam daqueles modelos.

Na Casa Mãe, a oficina de Elísio José de Sousa, que tanta responsabilidade teve na difusão do Bordado e no alargamento da sua área de mercado, os desenhos foram feitos ainda com maior liberdade, criando desenhos em que se misturaram várias tipologias, mudando a axialidade dos padrões, introduzindo motivos com a maior liberalidade, desde elementos arquitetónicos, em grande profusão, ícones e referentes territoriais ou mesmo animais da fauna africana...

A sua primeira mestra, Deolinda Riscado, sendo dos Escalos, depois de sair da Casa-Mãe, criou ali a sua própria oficina, dando origem a uma verdadeira “Escola” que, passados mais de 50 anos explica o forte núcleo de bordadeiras que ainda hoje ali existe, muito influenciado pela estética definida na oficina de Elísio José de Sousa.

É no entendimento desta situação compósita e heterogénea que se vão apresentar os motivos que constam do Bordado de Castelo Branco, utilizados e sedimentados ao fim de mais de 80 anos de produção.

Elementos estruturais das Colchas

- Padrões

No conjunto das colchas que constituíram os modelos de referência na produção do Bordado de Castelo Branco distinguem-se vários grupos, definidos a partir dos seus programas decorativos. Estes significam diferentes estruturas organizativas, bem como o uso de diversos conjuntos de motivos.

As tipologias mais usuais, aquelas que constituem a matriz de referência das Colchas e do Bordado de Castelo Branco, definem-se em quatro grandes grupos:

* Colchas de “faixa” ou de “azulejo” - apresentam uma barra bem vincada definida por cercaduras geométricas. Nos cantos aparecem quase sempre umas cartelas quadradas decoradas com flores inscritas na bissectriz. O campo destas peças apresenta uma decoração em que motivos de alguma complexidade se repetem originando faixas que se podem ler quer na vertical quer na horizontal, como um padrão de azulejo. Quer os elementos que estruturam o desenho quer a decoração têm um carácter vegetalista e o mesmo pode ser dito relativamente à barra. Todas estas peças se apresentam densamente bordadas e, em quase todas, se pode encontrar um ponto de bordar de difícil execução e que só aparece em peças portuguesas do final do século XVII, início do século XVIII.

* Colchas de “travessa” - definem-se pelo centro o qual apresenta um desenho que se parece com uma travessa. Este centro, por vezes, ainda se encontra sobreposto a um padrão do tipo faixa de azulejo. Noutros casos a decoração do campo organiza-se a partir das bissectrizes dos cantos, onde se inscrevem ramos de flores. A barra ainda existe, mas muito menos marcada, menos larga, com os seus limites mais simplificados. Estas peças, com estes tipos de centros, não são muito frequentes, mas foram das mais copiadas dada a sua beleza.

* Colchas de “moldura” - nestas colchas o centro, de forma oblonga, entre o oval e o losango, aparece como se estivesse contido no interior de uma moldura de talha, em cujos vértices se encontram concheados. Nalguns exemplares os elementos vegetalistas que organizam a estrutura do campo, como que coalescem definindo aquilo que se convencionou chamar um padrão de meandros, um conjunto de cartelas de desenho irregular e assimétrico, em cujo interior se encontram flores de desenho variado e precioso. No interior do centro encontram-se ramos de flores onde, por vezes poisa uma ave, mas onde também se podem ver pavões afrontados. Este grupo, bem como os anteriores, integrava o grupo das, então, chamadas “colchas eruditas”.

* Colchas de “fita” - são as colchas que se encontram com maior frequência. Como nos casos anteriores é o desenho do limite do centro que as identifica, um limite muito simples, como se de uma fita se tratasse. Essa fita pode aparecer inteira ou interromper-se nos vértices. No interior destes centros encontra-se uma grande variedade de composições que têm em comum estruturarem-se a partir de um ramo bem desenvolvido que o ocupa na totalidade. Neste ramo, encimado por uma grande flor (que pode ser um cravo, um papiro, uma flor de lótus ou outra) podem encontrar-se figuras humanas (sozinhas ou acompanhadas) e nele poisar, ou não, uma ou mais aves. Nestas colchas predominam os cravos estrelados, presentes nas suas variadas configurações, ramos de bolas e elementos vegetais, por vezes de grandes dimensões, que se dispõem de cada lado do centro ou na parte superior e inferior da colcha. Na terminologia definida por Júlia Antunes em 1929 estas eram as colchas “populares”.

- Motivos (desenho)

* Motivos Vegetalistas

ÁRVORES

As colchas com a “árvore da vida” apresentam entre si variações muito pouco significativas. O seu modelo terá sido o padrão de um palampore indiano (tecido de algodão estampado), um padrão que, com o tempo, integrou algumas figurações junto ao característico monte de terra em “escamas” donde surge a árvore. Conhecem-se dois tipos destas figurações: pequenos galos, conhecidos na gíria local por galrichos, em número de quatro ou seis e um ou três cavaleiros. Para as acolher, o desenho inicial foi modificado, interrompendo-se os caules dos arbustos que cresciam junto à árvore e paralelos ao seu tronco, que ficam agora suspensos, dando espaço aos novos elementos.

Os ramos da árvore lançam-se em todas as direções do campo da colcha, neles se dispoem frutos e flores de desenho variado, mas ocupando sempre as mesmas posições relativas. Um pouco acima do centro da colcha os ramos definem uma cartela que acolhe uma ave. Sensivelmente à mesma altura podem-se ainda ver, dois “passarinhos”, um de cada lado da árvore.

Nalguns casos veem-se uns enrolamentos que esboçam uma barra a contornar todo o campo, mas estes enrolamentos podem faltar. Os cantos surgem sublinhados por uma impressiva “flor de lótus”, a qual abre na direção do centro da colcha e cujo caule se inscreve na respectiva bissectriz. A estas colchas, todas muito semelhantes e onde nunca se encontram cravos, juntam-se outras em que a árvore aparece desenhada de um modo mais livre e descuidado e há mesmo um caso em que se podem ver vários troncos em vez de um único. Nestas árvores é que aparecem os cravos abertos, característicos da produção mais tardia, feita, provavelmente, na região de Castelo Branco.

FLORES

As flores constituem um dos motivos que mais caracteriza as Colchas de Castelo Branco.

Apresentam, como seria de esperar, desenhos variados, uns mais identificáveis que outros. De facto, sendo os seus prováveis modelos quer peças chinesas, quer peças indianas, se há flores fáceis de identificar (flores de lótus, flores de papiro, crisântemos, peonias) aparecem outras de desenho fantasista, que dificilmente se poderão nomear. Acrescem ainda a esta panóplia flores europeias como os miosótis ou os lírios.

Se exceptuarmos alguns casos como o das peonias, bordadas a ponto de pena, ou dos miosótis bordados a ponto de matiz, as flores são sempre bordadas a Ponto de Castelo Branco podendo este, no entanto, ser acompanhado, em pequenos apontamentos, por outros pontos.

. Cravos - no Bordado de Castelo Branco o cravo é a flor dominante, tendo-se tornado o ícone por excelência desta produção. Todavia o desenho dos cravos apresenta diferentes tipologias:

- Cravos compactos (representados em corte, com cálice e corola compacta), cravos ricos (de desenho mais trabalhado, vê-se o cálice que segura um “bolbo” donde saem pétalas, com o respectivo remate de bicos), cravos abertos estrelados (existem várias sub-tipologias: abertos estrelados simples, abertos estrelados de perfil e abertos estrelados mistos).

. Flor de Lótus - tanto aparece nas peças mais eruditas como nas peças mais populares.

. Papiros - flor que aparece com a característica forma de leque.

. Peônias - são das poucas flores que não são bordadas a Ponto de Castelo Branco, antes a ponto de pena associado ou não a redes.

. “Moinhos” - cuja semelhança é evidente com os moinhos de papel ou vira ventos.

. Margaridas

. Outras flores (flor-de-lis/lírios, crisântemos, papoilas, botões, alcachofras, miosótis, cardos e outras de desenho mais imaginativo).

BOLAS, PINHAS E FRUTOS (romãs, figos, “três frutos”)**ENROLAMENTOS, FOLHAS GAVINHAS E MEANDROS**

Elementos, quase sempre bordados em vários tons de verde, que organizam a apresentação de flores, que sugerem a diferenciação de uma barra ou que sublinham o centro.

* Motivos Figurativos

AVES E OUTROS ANIMAIS

Papagaios, pavões, passarinhos, águias bicéfalas, galos, gansos.

FIGURAS HUMANAS

No Bordado de Castelo Branco aparecem figuras humanas. Caracteristicamente posicionadas nos centros das Colchas, também se podem encontrar, como já foi dito, figuras de um ou de três cavaleiros nas bases do motivo “Árvore da vida”.

As figuras podem estar em pares (cavalheiro/dama, dama/dama, cavalheiro/cavalheiro) ou solitárias. O seu desenho remete, no essencial, para o século XVIII, como o revelam os elementos do vestuário, do calçado ou dos penteados das figuras.

* Outros motivos

VASOS E ALBARRADAS

As albarradas são elementos muito presentes nas artes Decorativas dos séculos XVII e XVIII. Trata-se de vasos com grande impacto decorativo donde saem arbustos ou ramos de flores.

Caracteristicamente encontram-se na base dos padrões do medalhão central, nos cantos ou no meio dos lados das Colchas.

CARTELAS E BANDEIROLAS

As Cartelas são molduras de desenho característico que definem pequenos espaços decorados com elementos como aves, veados, flores ou mesmo rosáceas estilizadas.

Chamam-se Bandeirolas às pétalas de cravos que aparecem em faixa a compor e a preencher o desenho, sobretudo nos cantos.

Encontram-se ainda, no Bordado de Castelo Branco, mas com expressão vestigial, motivos como corações, laços (a enfeitar as figuras humanas ou no seu vestuário), instrumentos musicais, leques ou cornucópias.

- Centros

Nas colchas de Castelo Branco encontram-se centros de travessa, de moldura, de fita, ou formados a partir de elementos vegetais como folhas.

- Cantos

Os cantos das Colchas de Castelo Branco divergem acompanhando as diferenças que já havíamos encontrado ao nível dos centros (nos padrões de azulejos a geometria dos cantos segue os padrões densos dos campos de faixas; nas outras colchas podem-se ver ramos de flores que se inscrevem, quase sempre, na bissectriz do ângulo e cuja flor principal (um cravo, uma flor de lótus ou um papiro) abre na direção do centro.

- Situação atual do Bordado de Castelo Branco

Nos dias de hoje, a produção de colchas é diminuta e apenas se faz por encomenda. Trata-se de peças muito trabalhosas e dispendiosas que perderam a sua primitiva função, abandonando a intimidade dos quartos de dormir e passaram a ser expostas em paredes observáveis por quem visita uma casa. Todas as Colchas são rematadas com franjas, as quais podem ser de seda ou de linho.

Atualmente produzem-se peças de menor dimensão, de custo mais baixo e, portanto, mais vendáveis. São exemplos os painéis, quadros, bolsas, almofadas, panos, entre outras peças. De salientar que todas as peças agora produzidas, independentemente da sua dimensão ou funcionalidade, podem ser certificadas se enquadradas nos critérios definidos no caderno de especificações para a certificação do bordado de Castelo Branco e que garante que esta produção artesanal pode evoluir e inovar sem se descaracterizar e desqualificar.

Ainda existe um considerável número de bordadeiras e de mulheres que detêm competências técnicas para executar bordado de Castelo Branco. Distribuídas pelo Centro de Interpretação do bordado, pela Oficina do Museu Francisco Tavares Proença Júnior e por oficinas individuais, as bordadeiras “profissionais” fazem desta a sua atividade principal, a maioria há já largos anos. Para além deste núcleo mais dedicado (cerca de 15), existe um número infundável de mulheres, em todo o distrito de Castelo Branco, que detêm competências técnicas para elaborar bordado de Castelo

Branco (ou alguns dos pontos de bordar). Estas mulheres tiveram contacto, ao longo da sua vida, com o bordado de Castelo Branco e, nos dias de hoje, bordam como complemento de uma atividade principal ou por lazer.

Ao contrário de outros núcleos de produção de bordado, cuja aprendizagem da arte ocorre por via familiar, a transmissão do saber-fazer às atuais bordadeiras operou-se, num grande número de casos, por via de um conjunto de mestras com grande experiência de trabalho, muitas delas tendo estado empregadas na oficina de Elísio José de Sousa, uma verdadeira escola que marcou o panorama desta arte têxtil em meados do século XX.

Nas palavras da bordadeira Alice Gordino (64 anos), “Foi essa fábrica que a partir dos anos 40 deu impulso ao bordado de Castelo Branco. Daí saíram muitas pessoas que depois ensinaram. Por exemplo, a D. Deolinda Riscado ensinou muita gente. A minha irmã aprendeu com ela e muita gente aprendeu com ela. E depois havia também a D. Lúcia que também ensinou muita gente, assim como a D. Antónia, a D. Maria Goulão, a D. Idalina”.

Estas mestras ensinavam normalmente a um conjunto de raparigas simultaneamente, muitas delas acabadas de terminar a 4ª classe. Identifica-se assim a vontade de alguns pais em orientar as filhas, acabado o ensino primário, para a casa dessas mestras, procurando assim dotá-las de uma competência que acreditavam que poderia contribuir para a sua futura independência financeira. Esta foi uma realidade bem presente, por exemplo, na freguesia de Escalos de Cima.

Alice Gordino, por exemplo, refere, “Aprendi com a D. Laura Ascensão. Fomos três miúdas, que acabamos a quarta classe e fomos aprender com ela”.

Rosa Gonçalves (64 anos), por sua vez, recorda que iniciou a sua aprendizagem com 12 anos, tendo como mestra Antónia Goulão, mais uma vez depois de acabar a escola primária.

Percurso semelhante apresenta Gracinda Marques (67 anos), tendo iniciado a sua aprendizagem com 12 anos com Deolinda Riscado, nos Escalos de Cima, também depois de concluída a escola primária. Gracinda Marques refere que Deolinda Riscado, “(...) foi para lá para os Escalos de Cima e começou por ter ali 8 a 10 meninas a aprender. E daí formou muita gente, muita menina mesmo”.

Augusta Gonçalves, por sua vez, ficou fascinada com o bordado quando ainda frequentava a escola primária, mais precisamente na delegação da Mocidade Feminina Portuguesa de Castelo Branco, “Todo o meu tempo da escola primária foi feita na escola do Castelo. E entretanto, a mocidade feminina portuguesa estava hoje, precisamente, pertinho de onde está o Centro de Interpretação do Bordado. Por incrível que pareça era tudo ali naquele largo. Eu tinha que regressar à tarde para casa, mas à hora do almoço, como estava ali bem pertinho, estava sempre à voltinha por ali [da mocidade feminina portuguesa]. E, entretanto, infiltrava-me. E o tempo foi passando. Mas o bichinho estava lá. E eu dizia sempre, um dia vou para os bordados”.

Outras bordadeiras, contudo, tiveram percursos um pouco diferentes. Júlia Bispo (61 anos), por exemplo, aprendeu a bordar com 15 anos no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, com Augusta Valente. Lurdes Baptista (55 anos), por sua vez, iniciou a sua aprendizagem com 16 anos, também no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, no âmbito das ocupações de tempos livres daquela instituição, tendo aprimorado o seu saber-fazer em ações de formação dadas pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP).

Entre as bordadeiras entrevistadas também há exemplos de quem tomou contacto com o bordado de Castelo Branco um pouco mais tarde. Ana Pereira (60 anos), já tinha mais de 20 anos quando iniciou o seu percurso no bordado de Castelo Branco, tendo dado os primeiros passos num curso ministrado pelo IEFP. Nas suas próprias palavras, “Eu quando aprendi estava ainda a trabalhar numa loja de pronto a vestir. Ia às formações sempre no fim de semana, na associação do Bairro das Perdizes. Foi aí que eu aprendi numa formação dada através do IEFP. Depois mantive-me ainda a trabalhar no pronto a vestir, estive lá mais de treze anos. E continuei a fazer formações sempre à noite, pós-laboral. Eu nunca mais parei”.

Também Anabela Rosindo (56 anos) aprendeu a fazer bordados de Castelo Branco já perto dos 30 anos, com Adelaide Dias, uma bordadeira que, por sua vez, tinha aprendido a bordar no Museu Francisco Tavares Proença Júnior.

O percurso das bordadeiras é também diverso, algumas primando por ter trabalhado por conta própria ao longo de toda a vida e outras apresentando um percurso mais intermitente, alternando o trabalho de modo independente com aquele realizado a favor de outras bordadeiras que

comercializavam o trabalho final.

Alice Gordino, por exemplo, percebeu, com pouco mais de 20 anos, que a atividade de bordadeira era uma opção de vida economicamente viável quando conseguiu vender uma colcha de Castelo Branco por 40 contos para revenda, tendo começado a partir daí a trabalhar por conta própria até aos dias de hoje. Neste contexto, chegou a ter a trabalhar para si, na sua própria casa, um conjunto de seis bordadeiras.

Um percurso de verdadeira autonomia profissional foi seguido também por Augusta Gonçalves, logo a partir dos 20 anos de idade, situação que se mantém até hoje. Refira-se que esta bordadeira possui uma loja no centro de Castelo Branco através da qual divulga e comercializa as suas produções desde 1989.

Júlia Bispo apresenta um percurso diferente. Embora toda a sua vida tenha estado ligada ao bordado de Castelo Branco, este não assumiu uma vertente comercial, já que esta bordadeira desempenhou a sua atividade no âmbito da função pública, mais precisamente no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, para onde entrou bastante nova.

Rosa Gonçalves, por sua vez, foi alternando a produção por conta própria com aquela destinada à satisfação de encomendas de outras bordadeiras, que assim revendiam as suas peças, até que em 2013 passou a trabalhar no Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco, uma instituição municipal dedicada à produção e valorização do bordado de Castelo Branco.

Na mesma instituição trabalham ainda Anabela Rosindo, Gracinda Marques, Lurdes Batista e Ana Pereira, bordadeiras que apresentam um percurso profissional bastante variado. Anabela Pereira, por exemplo, desenvolveu a sua atividade enquanto bordadeira na ADRACES - Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul, antes de ter ido para o Centro de Interpretação.

Ana Pereira, por sua vez, nunca chegou a ter a oportunidade de desenvolver o ofício de bordadeira de um modo mais estruturado, até que lhe surgiu a oportunidade de trabalhar no centro de interpretação, em 2013, “Fiz trabalhos para casa, fiz trabalhos para oferecer, ainda cheguei a fazer uns trabalhos esporádicos para pessoas que me pediam, para me ajudar, porque depois também fiquei em casa desempregada. Entretanto também surgiu a oportunidade de vir trabalhar para o Centro Interpretativo do Castelo Branco, onde estou desde 2013”.

Já Gracinda Marques conseguiu desenvolver o ofício de bordadeira de modo independente durante bastante tempo, a partir da sua própria casa, local a que as pessoas se dirigiam para fazer encomendas. “Em 1989 ainda tinha bastante trabalho. De 2000 a 2015 começou a haver uma quebra. E então eu tive que “descoletar-me”. Mal tinha dinheiro para pagar a segurança social. (...) Depois abriu aqui em Castelo Branco o Centro de Interpretação que na altura era a oficina do bordado. Ali nos CTTs, nos antigos CTTs. Então isso para mim foi maravilhoso. Maravilhoso mesmo porque... Não me estava a ver na minha vida a fazer outro tipo de trabalhos. Então vim para cá e até hoje. Já faz o quê? Já vai a caminhar para 13 anos”.

Finalmente, também Lurdes Batista apresenta uma vida ligada integralmente ao bordado de Castelo Branco, “Desde que fiz aquelas formações de ocupação dos tempos livres. Eu estive coletada durante 5 anos, a recibos verdes, e como empresária em nome individual. Ainda não fiz mais nada [para além dos bordados]. De vez em quando ia para alguma loja fazer as férias, se fosse alguém conhecido, ou coisas parecidas, mas de resto trabalhei sempre nos bordados”.

Em termos de produção, e como já atrás referido, assiste-se hoje à manufatura de peças de menor dimensão relativamente ao que acontecia no passado. Assim, a produção de colchas, o tipo de trabalho que deu fama ao bordado de Castelo Branco, possui atualmente uma expressão reduzida, em favor de tipologias de peças mais pequenas e acessíveis em termos económicos aos consumidores.

O fabrico de peças mais pequenas, portáteis e baratas é, pois, uma tendência que define o trabalho das bordadeiras atuais, parecendo corresponder à emergência de um novo tipo de mercado. Entre as peças mais produzidas no presente destacam-se os painéis decorados com a árvore da vida, o motivo mais conspícuo da gramática decorativa do bordado de Castelo Branco, tanto no passado como hoje.

Questionada sobre o tipo de peça que mais produz atualmente, Augusta Gonçalves responde, “Neste momento, são os painéis. Mas não grandes painéis. Árvores, árvores, árvores, árvores. Porque realmente é tudo o que a gente mais faz, é árvores”.

Alice Gordino, por sua vez, refere que, “Atualmente faço muita coisa pequena. Por exemplo, na altura de Natal, presépios, monogramas. Aquelas peças mais acessíveis. Para as pessoas

oferecerem. Árvores da vida”.

Neste contexto, o testemunho de Rosa Gonçalves é bastante revelador, “Por exemplo, vem uma pessoa que quer [apenas uma] parte do desenho de algumas peças das colchas, digamos assim, das maiores. Como não tem possibilidade [económica de] comprar essa colcha, mas gostaria de ter esses motivos que estão nessa colcha, [pede para nós o adaptarmos para um] tamanho [mais pequeno] para um quadro, para um painel. E aí a bordadora tem que ter a capacidade para poder lidar com o cliente nesse campo. Quase todas as bordadoras que estamos aqui lidamos com isso”. Gracinda Marques, aliás, também refere a mesma realidade, “No momento estão-se a bordar peças mais pequenas, como as árvores da vida, de 70 por 50 (...) Colchas também se fazem, mas é menos.”

Geralmente, as bordadeiras que trabalham a partir do seu próprio domicílio respondem unicamente a encomendas que recebem. Pelo contrário, as bordadeiras que trabalham no Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco (que tem um espaço de venda) ou Augusta Gonçalves, com loja aberta no centro de Castelo Branco, vão alternando o trabalho por encomenda com aquele que tem por finalidade o abastecimento do stock dos respetivos espaços comerciais.

Um dos aspetos mais valorizados na arte de bordar por parte das bordadeiras atuais é o desenho, sendo por todas salientado a importância que o domínio desta técnica tem para a realização de bordados de qualidade.

Augusta Gonçalves, por exemplo, fica desagrada com a falta de qualidade do desenho que encontra em alguns bordados, ““O que se vê por aí é que há desenhos artisticamente mal feitos. Patuscos. Pode ser um patusco agradável, depende do patusco. Mas um patusco tem que ser patusco com cabeça, tronco e membros, logo de raiz. E se é um bordado artístico o desenho tem que ter qualidade. E não me venham cá com software [de desenho]. Para mim não dá”.

Neste contexto, destaca a importância do desenho ter a escala certa e a proporção correta entre os seus vários elementos, “(...) nós ao desenhar uma flor temos que ter na mente a relação que ela tem, e isso não é preciso nós fazermos contas. A olho nu se vê o tamanho que uma flor tem com outra [flor]. O tamanho do miosótis tem que estar proporcional com o do cravo. (...) Os riscos continuam a ser mal feitos mas têm de ser emendados. Eu acho que as coisas têm de levar o rumo certo. As coisas devem começar logo pela borracha e o lápis. O risco tem de ser minimamente agradável para que a bordadora consiga seguir o risco e se orientar. Porque se a bordadora já borda menos bem e se depois o risco está péssimo, aquilo vai ficar uma desgraça.”

Augusta Gonçalves refere também a importância da correta utilização das cores, “A luz vem sempre de cima. Eu costumo dizer assim: o escuro fica sempre mais para baixo. A luz vem de cima. E por aí devíamos começar logo. Aulas de desenho. Também andei em pintura, graças a Deus, (...) Portanto, o mais claro é sempre de cima para baixo. E não é à toa que a gente olha para umas colchas antigas e o escuro bate em baixo. Não é por falta de tinta. É que a luz vem de cima para baixo. (...) Se uma cor lá não fica tão bem, não temos pena de desmanchar, deitar a tesoura e vai para o lixo, e colocar aquela que realmente traz a harmonia, nos traz aquilo que nós pretendemos. (...) Se nós olharmos para as flores do nosso jardim ela tem várias nuances. Só porque são cor-de-rosa, não são todas cor-de-rosa. Se olharmos para um lírio nós não o vemos todo da mesma cor, tem várias tonalidades.”

Também Rosa Gonçalves alerta para a importância de, “(...) sabermos desenhar, sabermos compor um desenho, não ficar para um lado mais pesado e para o outro mais leve, sabermos coordenar.”

Júlia Bispo, por sua vez, também dá uma enorme importância à harmonia do desenho, “(...) para mim o importante não é só o saber bordar. Tem que haver um bocadinho de conhecimento dos desenhos. E um bocadinho da história para depois enquadrar o desenho todo. Coisa que a maioria das pessoas não sabe. Porque é assim, vão aos livros, tiram uma fotocópia (...) e o que é que acontece? Os desenhos ficavam com uma altura enorme. Porque as pessoas não punham aquilo à medida. (...) Como digo, as pessoas deviam ter um bocadinho mais de experiência a esse nível. (...) O desenho não é chegar ali e fazer um risco. Tem que haver ali uma ligeira harmonia. (...) As pessoas deviam ser ensinadas logo a partir do princípio”. E dá como exemplo que não se deveria, “(...) fazer um pavão maior que a árvore.”

Existem, no entanto, algumas divergências entre as bordadeiras, relativamente à gramática decorativa que deve ser aplicada no bordado de Castelo Branco. Existem bordadeiras que gostam de ornamentá-lo com muitos motivos, enquanto outras revelam preferências por uma estética mais

simples e popular.

Júlia Bispo, por exemplo, refere que o excesso de pontos e motivos tem vindo a prejudicar o bordado de Castelo Branco, assim como os desenhos demasiadamente estudados, “O bordado de Castelo Branco é isso [apontando para uma peça simples]. Não estou a dizer que não tenha que levar mais qualquer coisa. Mas isso é um popular. Para mim é lindíssimo. Eu gosto desse estilo. Tudo que é assim com mais trabalho, são coisas mais ricas (...) parece que o desenho está a ser estudado”.

Sandra Carvalho, proprietária de uma loja de restauro de têxteis em Castelo Branco, concorda, “Eu não gosto do bordado atual. Tenho de ser sincera. (...) O bordado foi muito alterado (...) Se é o ponto frouxo e pouco mais que representa o nosso bordado, porque é que se inserem tantos pontos?”

Augusta Gonçalves, porém, tem um entendimento bastante diferente, revelando que foi a perfeição do bordado que era manufaturado na mocidade feminina portuguesa, o chamado bordado rico, mais complexo e formado por uma maior variedade de pontos, que a fez apaixonar por esta arte têxtil, “É bom que se diga que o bordado de Castelo Branco, e é aí que eu teimo sempre, não é só o bordado frouxo. Há o bordado rico, que é esse que eu mais gosto. É de criar e trabalhar os pontos. E com eles, fazer viver o que lá está. E não fazer o bordado como uma chapa. Utilizar os pontos somente porque são pontos e têm que lá estar. [Gosto de] fazer uma variedade de pontos.”

Relativamente à sua comercialização, o bordado de Castelo Branco é um produto que obedece a uma certa sazonalidade. Neste contexto, o Natal e o verão representam as épocas em que as bordadeiras efetuam a maioria das suas vendas. O Natal, aliás, é historicamente um período de grande atividade para as bordadeiras. Alice Gordino, por exemplo, refere que nessa época é aos, “(...) sábados, domingos e feriados. Até à meia-noite. (...) E não mais porque a minha coluna também já se sente.”

Em sentido inverso, a temporada a seguir ao Natal costuma ser bastante fraca em termos comerciais. Gracinda Marques refere, a propósito, que “(...) já quando eu bordava em casa, o mês de janeiro e fevereiro, eram os meses mais parados”.

A chegada da primavera e do verão, contudo, tornam a animar tradicionalmente o negócio.

Augusta Gonçalves refere que, “A partir da primavera, temos sempre uma época melhor. As pessoas estão mais ativas, mais bem-dispostas”.

As bordadeiras lamentam, contudo, que os emigrantes, que antigamente compravam bastante bordado nos meses de verão, já não o façam tanto, uma realidade que atribuem às mudanças de gosto protagonizadas pelas novas gerações, como refere mais uma vez Gracinda Marques, “Sabe que hoje a juventude também não gosta muito, quer os móveis todos livres para limpar o pó depressa. Os gostos são completamente diferentes”.

A verdade é que as bordadeiras consideram que o mercado já esteve muito mais favorável a esta produção relativamente ao que acontece hoje em dia. Alice Gordino defende que até 2005 havia muita gente a bordar, tendo decaído o número de bordadeiras a partir daquele ano, uma realidade que também é descrita por Gracinda Marques, artesã que teve que encerrar a atividade a recibos verdes por volta daquela época.

A este propósito, Alice Gordino refere que, “Antigamente, vinha muita gente aqui aos Escalos mandar fazer bordado. As pessoas iam ao museu, o trabalho era muito caro. E vinham aqui porque era mais barato. E havia sempre gente a vir aqui. Agora não”.

Também Rosa Gonçalves lamenta o período menos exuberante pelo qual atravessa o bordado de Castelo Branco, “Agora, tem estado um bocadinho mais parado, nós sabemos, devido a muitas dificuldades, tanto a nível nacional como fora. Nós sabemos ver isso”.

Opinião compartilhada por Augusta Gonçalves, “Agora está a enfraquecer, por incrível que pareça, durante a pandemia esteve bem melhor que agora. É verdade.” Esta realidade contrapõe-se à vivida nos anos 80 e 90, consideradas décadas bastante positivas em termos de vendas.

Mesmo assim, algumas bordadeiras vão conseguindo manter uma clientela regular. Augusta Gonçalves, por exemplo, refere que, “(...) eu tenho mais a loja para mostrar o meu trabalho. Mas os meus clientes são vinculados há muitos anos atrás. Eu não poderia, de maneira alguma, suportar este espaço que eu tenho pelas vendas que eu faço aqui na loja”.

Os clientes do bordado de Castelo Branco, por sua vez, e embora em número inferior ao passado, são das mais diversas proveniências, espalhados pelo país e mesmo pelo estrangeiro. Augusta Gonçalves, por exemplo, tem mais clientes no estrangeiro do que propriamente em Portugal, em

países como França, Macau e mesmo África do Sul.

Para além dos nacionais, os clientes do Centro Interpretativo do Bordado de Castelo Branco são provenientes de países como Espanha, França, Inglaterra, Alemanha e Brasil, facto que atesta o prestígio que esta arte têxtil ainda hoje possui.

As bordadeiras que trabalham por conta própria diferem, no entanto, no modo como publicitam o seu trabalho. Para algumas, como Alice Gordino, as redes sociais são essenciais, enquanto para outras, como Augusta Gonçalves, são dispensáveis.

Certas bordadeiras defendem, contudo, a existência de postos de venda na cidade para as bordadeiras poderem difundir o seu trabalho, e assim atenuar o período menos bom que o bordado de Castelo Branco atualmente atravessa.

Segundo Alice Gordino, “Na minha maneira de ver, a câmara devia criar um espaço onde as bordadeiras pusessem o trabalho à venda. Ajudava. Porque é assim. Como é que uma pessoa vai pensar em formar-se como bordadeira se depois não tem saída?” Defende assim a necessidade de se “Criar um espaço de venda onde todas as bordadeiras tivessem oportunidade de expor aquilo que fazem. ”

Há também quem defenda a existência da realização de uma feira dedicada aos bordados de Castelo Branco na cidade, de modo a facilitar a comercialização deste produto artesanal. É essa a opinião de Augusta Gonçalves, “Peçam para que nos façam uma feira de artesanato de bordado de Castelo Branco (...) para que toda a gente possa mostrar ao vivo (...) Nós não temos. Vila do Conde tem. Porque é que Peniche tem? Toda a gente tem. E nós aqui não temos. Qual é a razão? Se todas somos bordadoras, cada uma mostre aquilo que melhor sabe fazer”.

Pode-se considerar, assim, que as bordadeiras atuais entendem que a menor apetência do mercado pelo bordado de Castelo Branco, em relação ao sucedido em períodos anteriores, conjugado com a ausência de pontos de venda e de oportunidades de divulgar o trabalho realizado, é um obstáculo à entrada de novas protagonistas no setor.

Para as bordadeiras, o próprio processo de certificação, que deveria ter impulsionado e aberto novas perspetivas de comercialização do bordado de Castelo Branco, parece estar num impasse. Este foi um processo impulsionado pela Câmara Municipal de Castelo Branco concluído em 2018, sendo de referir que o caderno de especificações foi revisto e atualizado em finais de 2022. O objetivo do município, enquanto entidade promotora da certificação, foi diferenciar o bordado de Castelo Branco no contexto dos bordados nacionais, garantindo a origem e qualidade da produção, realidade que implica o respeito pelas normas de fabrico identificadas no caderno de especificações, nomeadamente no que se refere às matérias-primas utilizadas, assim como os motivos, pontos e paleta cromática escolhida.

Para as bordadeiras, contudo, este processo precisa de ser aprimorado no terreno. Augusta Gonçalves, por exemplo, defende que há muito bordado certificado que não o deveria ser. Esta é uma opinião partilhada por outras bordadeiras. Alice Gordino refere que, “(...) há pessoas com o certificado que não deviam ter. Isto é estar a vender gato por lebre. É assim, eu digo a verdade. Na minha opinião, primeiro deviam ter uma boa formação. E depois então dar-lhes o certificado”. Também Júlia Bispo se encontra descrente no processo, “Eu vejo trabalhos que eu posso lhe dizer que é uma vergonha estarem a receber a certificação do bordado de Castelo Branco. Que eu olho para aquilo e digo-lhe, nem dado os queria”.

Neste sentido, muitas bordadeiras veem com alguma apreensão o futuro do setor. Alice Gordino refere que não vê gente nova com disposição para aprender e as pessoas que o estão a fazer fazem-no sobretudo em cursos como os dados pelo I.E.F.P., em situação de desemprego, sendo sempre uma incógnita perceber o grau de motivação que têm.

Por sua vez, Augusta Gonçalves considera que, “A Câmara está agora, eu não sei se aquilo tem pernas para se mexer ou não, a tentar angariar [gente nova para o bordado], mas eu acho que de pessoas novas não há. Não é através dos [cursos dados através do fundo de desemprego]. Como é que eu vou explicar isto? Eu acho que para se dedicar a isto tem de ser alguém que goste muito. Porque se estão à espera, ao final do dia ou ao final do mês, de ter um ordenado fixo ali, não têm. Isso não é verdade. Ali têm que estar por coração. Porque de outra maneira...”

Alice Gordino, possuidora de um Certificado de Competências Pedagógicas, dá formação de bordado de Castelo Branco em cursos organizados pelo I.E.F.P. Atualmente está a decorrer um curso composto por 23 formandas, um número que a bordadeira considera excessivo para poder ensinar com qualidade a toda a gente, sendo que o tempo também não é muito. Nas suas palavras, “Uma boa bordadeira leva muito tempo a formar. Porque o bordado de Castelo Branco é um bordado muito complexo. Para se fazer bem feito. Não é qualquer bordado que vemos por aí que pode ser considerado um bordado de Castelo Branco com direito ao certificado.”

Apesar de tudo, Alice Gordino consegue identificar duas formandas com potencial para se dedicarem de modo sério ao bordado. O problema, no seu entendimento, são as fracas perspetivas que o mercado atualmente oferece, sendo que, “Para o centro de interpretação não pode ir toda a gente. Cá fora não há expectativas de futuro”.

Gracinda Marques considera que o único modo de chamar gente nova ao setor é se o trabalho das bordadeiras for valorizado em termos financeiros, inclusivamente aquele realizado no Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco, “A gente quer o dinheiro para movimentar a vida e todos sabemos que o ordenado não é propriamente um ordenado... Pronto, não vale a pena dizer mais nada. É o que é. Haja saúde. Mas é o que é (...) esperemos que venham dias melhores e que sejam as bordadeiras valorizadas. Continuo a insistir no mesmo. Se houver valorização, acho que as coisas vão caminhar melhor. (...) E daí é que eu digo que é necessário haver uma valorização para as bordadeiras, para que isto seja como um trabalho igual aos outros, um trabalho normal. Porque há de haver jovens que têm gosto pelo bordado tal qual como eu tenho e as colegas. Só que se não se pagar, ninguém quer vir”.

Mesmo nas famílias das bordadeiras atuais não se vislumbra quem possa de futuro tomar em mãos esta produção. Ana Pereira compreende, até certo ponto, o desinteresse das gerações mais novas pelo bordado, apesar de isso lhe causar uma certa angústia, “Eu até compreendo esta gente jovem, até porque eu tenho filhas e na realidade elas preferiram tirar um curso superior. (...) Depois eles começam a conhecer outras coisas e, se calhar, isto fica um bocadinho para trás. Preferem avançar noutro género de profissões. E é uma pena, é uma pena porque isto não se pode perder. Na minha opinião não se pode perder.”

Júlia Bispo encontra-se também algo descrente do futuro desta produção, considerando que as pessoas que trabalham no Centro Interpretativo do Bordado de Castelo Branco irão se reformar daqui a alguns anos, não havendo gente mais nova para as substituir.

As bordadeiras consideram que uma das vias para tornar o bordado mais apelativo a um maior número de consumidores, possibilitando assim o aparecimento de novas bordadeiras, é a sua aplicação em novos suportes. Ana Pereira, por exemplo, refere que a inovação deve ser um caminho a trilhar por este bordado, à semelhança do que vê acontecer com outros.

As bordadeiras consideram, no entanto, que este deve ser um trabalho realizado em verdadeiro diálogo entre as artesãs e os designers interessados em dar uma nova face a esta produção. O centro interpretativo do bordado de Castelo Branco, por exemplo, possui uma coleção de peças elaboradas por alunos do curso de design de moda e têxtil do Instituto Politécnico de Castelo Branco. A colaboração entre os alunos e as artesãs, contudo, nem sempre foi a melhor. Ana Pereira, por exemplo, considera que, “(...) antes de fazerem o projeto deles, acho que deveriam nos visitar. Visitar, falar connosco, tentar perceber o que é que pode ser e o que não pode ser. Porque às vezes podiam fazer projetos lindíssimos e às vezes ficam um bocadinho aquém... Aquém do que é possível fazer”.

Gracinda Marques, alerta, contudo, que o bordado aplicado no vestuário fica muito caro e que, por isso, “Tem que ser aplicado por estilistas que levem o trabalho para outros pontos do mundo. Porque não é aqui na cidade de Castelo Branco que se vai vender... (...) Mas nós vemos vestidos e malas e coisas de outros estilistas e de outros industriais, não é? Que são caríssimos e vendem. Por isso é preciso que alguém o ponha no mercado para que ele possa ser vendido a esses preços. Porque o bordado de Castelo Branco é um bordado caro. É um bordado com prestígio, feito com seda natural. Portanto precisa de gente ao mesmo nível”.

Em termos de matérias-primas, o bordado de Castelo Branco distingue-se pelo fio de seda bordado em pano de linho.

As bordadeiras atuais obtêm geralmente o linho em retrosarias de Castelo Branco, sendo este considerado um produto de qualidade. Augusta Gonçalves, porém, ainda consegue encomendar o

linho a tecedeiras. “Não é fácil de encontrar. Eu tenho umas tecedeiras que me fazem ao metro, no Padrão, Aldeia Beirã. É o nome da aldeia. Fazem-me o linho e ainda me tecem. Se vocês virem os meus naperons, é tudo tecido, consoante a largura que eu quero”.

Relativamente à seda, Augusta Gonçalves encomenda-a em Itália, sendo esta considerada pelas bordadeiras como aquela que apresenta melhor qualidade. Para Júlia Bispo, “A seda italiana é da melhor seda. Nós tínhamos aqui um senhor brasileiro que trazia seda. Mas não tinha nada a ver com a seda que a gente cá tinha, italiana”.

O Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco também chegou a negociar com o comerciante brasileiro de seda, referido por Júlia Bispo no seu testemunho, apesar de ainda ter em stock seda italiana.

Alice Gordino, porém, prefere abastecer-se de seda no mercado local, “As sedas não são todas iguais. Há sedas com melhor qualidade e com menos. Eu gosto de comprar sedas boas. Não gosto de seda grossa. As pessoas gostam de seda grossa porque enche mais depressa. Eu não gosto porque fica um trabalho grosso. E fica feio. Eu gosto de um trabalho fino. Então eu compro as minhas sedas na rua 5 de Outubro, em Castelo Branco, numa retrosaria. Também já comprei algumas na retrosaria dos Três Globos. Agora, porque eles estão a tê-la um bocadinho mais fina. Ainda não é tão fina como eu gosto”. (...) uma bordadeira tem que ter material bom para trabalhar. E eu sempre tive muito respeito pelo dinheiro do cliente”.

Há ainda quem, como Sandra Carvalho (49 anos), uma profissional dedicada ao restauro de têxteis antigos, incluindo os bordados de Castelo Branco, adquira a sua seda à APPACDM de Castelo Branco, uma organização que se destaca pela sua produção de seda, sendo considerado mesmo como o maior produtor nacional.

De facto, temos vindo a falar até aqui das mulheres que dão vida ao bordado de Castelo Branco. Há, no entanto, quem se dedique ao restauro deste tipo de bordados. Tal é o caso, como já referido, de Sandra Carvalho, a trabalhar por conta própria desde 2007, e de Júlia Bispo, técnica do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, tendo ambas iniciado este percurso em inícios do século XXI.

Em termos de formação, Júlia Bispo frequentou um curso de restauro no Instituto José de Figueiredo, enquanto Sandra Carvalho foi ensinada por uma senhora desse mesmo instituto mas que já estava reformada, Beatriz Lemos, por quem nutre grande carinho, “Tenho aqui o alicate da minha mestra, que ela ofereceu-me. Falei com ela no outro dia, ela está tão doente. Vai fazer setenta e oito em maio. E ela disse, «Sandra, eu tenho este alicate desde os quinze anos». E eu disse, «Meu Deus, tem sessenta e três anos esse alicate. Meu Deus, já trabalhou tanto». E ela ofereceu-me. «Vai ficar com ele, porque ele já sabe trabalhar. Foi uma aposta que eu fiz em si». E pronto, estou mesmo muito feliz”.

Júlia Bispo e Sandra Carvalho chegaram a trabalhar juntas na oficina de restauro do Museu Francisco Tavares Proença Júnior durante alguns anos. Mas, enquanto Júlia Bispo já era funcionária daquela instituição, Sandra Carvalho chegou ao museu através de um curso patrocinado pelo centro de emprego, “Em 2002 fui parar ao museu [Francisco Tavares Proença Júnior], estava no desemprego e fui chamada para fazer um curso de técnicos de acompanhamento e vigilância. Portanto, a minha chegada ao museu foi nesse sentido, de fazer as visitas guiadas. (...) É claro que os museus aqui do interior, infelizmente, têm poucos visitantes. (...) E eu gostava muito de estar ali à espera que aparecesse alguém. Gostava muito de tudo o que pudesse ajudar. Eu estava sempre a participar. É claro que descobri a oficina de conservação e restauro no piso superior e sempre que podia, eu ia espreitar. Fiquei interessadíssima, porque não conhecia, de todo, o trabalho. Um dia, a diretora, a Dr^a Ana Margarida, apanhou-me lá e eu perguntei-lhe, «pode deixar-me vir para aqui quando não tiver nada para fazer lá em baixo, quando não houver visitantes?» «Gostava?», «Gostava muito». E um dia fez-me uma proposta. «Vamos subir, Sandra». E eu nem acreditava. (...) E, entretanto, fazia assim, ia para cima, vestia a bata, ajudava. Sempre que era necessário ir lá em baixo, os meus colegas chamavam-me, trocava a farda para vir fazer a visita e andava nisto”.

Algumas das peças restauradas no museu são bastante antigas, provenientes dos séculos XVII, XVIII e XIX. Até há cerca de 4 anos o museu ainda aceitava encomendas de restauro de outras instituições e mesmo de particulares, uma realidade que já não se verifica atualmente. Segundo Júlia Bispo, “Agora não porque estou sozinha. Mas em tempos quando eu estive com a minha colega, que ainda cá esteve uns anos, ainda trabalhámos para vários museus, arranjam os peças de

vários museus. Eu arranjei peças para montes de pessoas, também tudo particular. Só que agora sozinha, uma pessoa para lavar uma peça, é preciso andar de um lado para o outro, demora-se muito mais tempo. Depois há os problemas de saúde, não deixam já fazer certas coisas. Os braços... aliás, para este trabalho nunca é demais duas, três pessoas. (...) Ando aqui na mesa de um lado para o outro. Depois no meio, tenho que me deitar. Eu tenho alturas que digo assim: oxalá não apareça aqui ninguém! Porque eu fico deitada em cima da peça”.

Júlia Bispo chega a trabalhar cerca de 5 meses numa única peça, completamente sozinha, facto que se ressentem na própria saúde da profissional, “Se soubessem como eu tenho os ossos. Tudo deformado. Das posições, tudo isso. Só que eu não ligo.”

A valência de conservação e restauro do museu Francisco Tavares Proença Júnior é considerada uma mais-valia fundamental da instituição por parte da sua direção. No entanto, esta sua vocação encontra-se em perigo já que Júlia Bispo, a única funcionária do museu dedicada a esta área, encontra-se muito perto da reforma, não se vislumbrando quem a possa substituir. Vive-se, pois, um clima de apreensão no museu, temendo-se pelo futuro do seu espólio têxtil.

Júlia Bispo encontra-se disponível, entretanto, para dar formação, eventualmente através da criação de uma oficina de formação em restauro no museu, uma hipótese também apoiada pela direção da instituição, apesar do reconhecimento das dificuldades trazidas pela falta de verbas e de autonomia financeira da instituição museológica para prosseguir os objetivos desejados.

A antiguidade do bordado de Castelo Branco, no entanto, faz com que existam muitas peças a necessitar de restauro atualmente. Foi, aliás, a constatação acerca da existência de um mercado para o restauro têxtil que levou Sandra Carvalho a abrir a sua oficina, “Alma das Gentes”, no centro histórico de Castelo Branco, no âmbito da qual faz intervenções em exemplares antigos de bordado de Castelo Branco, entre outras tipologias têxteis, um negócio que tem corrido de modo bastante positivo.

“Eu trabalho para o país todo. Colchas de Castelo Branco, tapetes de Arraiolos, os xailes antigos das nossas mães. Qualquer coisa que tenhamos têxtil. Particulares, depois temos as igrejas e hoje as misericórdias e as câmaras. Mas, principalmente, para as misericórdias. Eu estou com o acervo todo de Coimbra, da Misericórdia de Coimbra, desde 2016”.

E, refletindo sobre o seu ofício, constata, “O meu trabalho existe para preservar memórias. Não é por outro motivo. Porque as peças não valem nada. Eu comprei a minha colcha de Castelo Branco por 250 euros. Tudo bem que está em estado degradado. Mas é uma peça antiquíssima. É para preservar as memórias. [Os meus clientes dizem], «Era da minha mãe. Foi eu que fiz quando era nova. Era da minha avó»”.

Sandra Carvalho refere, a propósito, que não conhece outra oficina dedicada integralmente ao restauro têxtil, uma situação que atribui ao modo como os têxteis são desvalorizados na área da conservação e restauro, “Em termos de casa aberta não conheço nenhuma. Sei que algumas empresas de restauro, de pinturas, têm umas freelancers a trabalhar, mas assim em casa aberta eu não conheço. (...) a minha mestra já nos contava na altura, isso há 20 anos, que daí a 30 anos não existiriam restauradores têxteis. Não se enganou. Há muito poucas. Muito poucas. Porquê? Porque os têxteis são os mais desvalorizados e são os mais difíceis [de trabalhar]. Porque nós às vezes estamos a meter a agulha e o tecido está a abrir, está tudo desfeito. É preciso ter muita paciência. E como foram desvalorizados (...) Interessava ir para a ourivesaria, para a talha dourada, para a pintura. E foi assim que se extinguíram [os restauradores têxteis]. Foi aquilo que a minha mestra já contava há 20 anos. E realmente é isso que se prova”.

Esta profissional considera fundamental, aliás, apostar na formação de pessoas para o restauro do bordado de Castelo Branco, nomeadamente as colchas, uma tarefa que estaria disposta a aceitar enquanto formadora. Neste sentido, considera insustentável a situação vivida pelo museu Francisco Tavares Proença Júnior, com um assinalável espólio de colchas a precisar de intervenção urgente mas para a qual não existe mão de obra especializada.

Júlia Bispo e Sandra Carvalho distinguem-se igualmente por fazerem o tingimento da seda que utilizam nos seus restauros. Esta é uma tarefa necessária no sentido de conseguirem obter as tonalidades mais próximas do objeto restaurado. A mistura dos ingredientes certos consegue assim dar origem a diversos tons dentro de uma mesma cor. O museu Francisco Tavares Proença Júnior possui mesmo um laboratório onde Júlia Bispo faz o tingimento das sedas de acordo com as suas necessidades.

Visto a partir da perspetiva das mulheres que fazem o restauro do bordado, percebe-se igualmente que o bordado de Castelo Branco tem vindo a distinguir-se pelo uso de cores mais desmaiadas, mais baças, ao invés das cores vivas e metálicas que o caracterizavam no passado.

Sandra Carvalho relata, neste contexto, um acontecimento que lhe ficou marcado na memória e que explica esta tendência, “(...) eu lembro-me ali no mercado, uma vez chegou uma senhora e eu estava com uma colcha muito forte, as cores muito fortes, e a senhora ficou chocada, «desculpe, mas isto não, o bordado de Castelo Branco não tinha estas cores, desculpe, não tinha estas cores». O que é que acontece? As cores, com o tempo, com a claridade e com o sol, perdem a cor. Então elas [as bordadeiras] (...) quando iam copiar uma colcha antiga, copiavam aquele tom, mas o tom não era o certo. Então começaram a baixar os tons e hoje em dia só [se vê] os tons desmaiados”. Júlia Bispo, por sua vez, refere que, “A maioria das colchas antigas eram vivaças. Em Londres, em Inglaterra [referindo-se à coleção de bordados de Castelo Branco detidos pelo Victoria and Albert Museum] aquilo ainda hoje está tudo... O vermelho é mesmo vermelho. E o verde é mesmo verde”. O uso correto da cor no bordado é, aliás, considerado por Sandra Carvalho um aspeto crucial da gramática decorativa do bordado de Castelo Branco, no entanto, “(...) a maior parte das pessoas não sabe escolher a cor, que é o que realça logo em primeiro lugar. Não é se está bem bordado, não é se está bem desenhado, é a cor. A cor é o que dá logo nas vistas. Ora, não saber conjugar cores, não saber fazer um bom desenho, não é só saber lá fazer o ponto, é este conjunto todo e a maior parte das pessoas não tem essa sensibilidade”.

Tanto para as bordadeiras como para as mulheres dedicadas ao restauro, o bordado de Castelo Branco possui um significado afetivo inegável e que se mistura com a história das suas próprias vidas.

Alice Gordino, por exemplo, recorda que foi o bordado que lhe permitiu ter uma vida independente, “Eu paguei esta casa. Fiz obras depois disso, continuo a ter sempre qualquer coisa para fazer. Agora há pouco tempo fizeram-me esta canalização, tenho que pôr aí uma parede para tapar porque isto precisa tudo também ser pintado. Mas é assim. Quando penso em fazer, é porque posso. Criei dois filhos. (...) Nunca lhes faltou nada. Comprei três carros. Sempre novos. E a pronto pagamento. Não foram carros grandes. Como o carro que está ali à porta. Mas sempre novos. E assim, posso dizer que, economicamente, eu nunca tive problemas”.

E prossegue, afirmando, “Eu cheguei aos 64 anos com esta atividade, porque gosto. Dá-me prazer. Sinto-me realizada a nível profissional. Consegui dar sempre tudo aos meus filhos. Aquilo que eles necessitavam e muitas vezes não. (...) E agradeço todos os dias a Deus por isso. Por me ter dado esta capacidade. Porque se eu tivesse outro trabalho não conseguia. Nem para os meus filhos nem para mim”.

Augusta Gonçalves também destaca o modo como o bordado se confunde com a sua vida, “É a minha vida. Foi uma paixão. Eu acho que cada pessoa tem de seguir aquilo que gosta. E eu tive esse privilégio. Nunca ninguém me impôs nada. Também sou feliz por isso. Se bem que tive um marido ao meu lado que nunca me disse: «tens que pôr X em casa». Nunca. Nunca ligou muito a isso. As coisas agora são de outra maneira. Mas isto há 40 e tal anos atrás... «Se é isso que tu gostas de fazer, porque não? Vai à luta»”.

Ana Pereira, por sua vez, alude ao bem-estar que o bordado lhe dá, “Eu estava numa loja de pronto a vestir e estava a ganhar um ordenado muito bom, hoje ganho menos mas sou mais feliz a fazer o que faço”, um sentimento partilhado por Gracinda Marques, para quem o simples facto de estar a fazer uma peça que está a ficar do seu agrado deixa-a feliz e realizada.

As bordadeiras sentem-se também acarinhadas pela comunidade em que estão inseridas, na medida em que entendem que as pessoas mais próximas valorizam a sua atividade.

Alice Gordino refere, “Eu vejo que há muita gente de Castelo Branco a comprar os meus bordados no Facebook. É porque gostam do meu trabalho. Penso eu”. Augusta Gonçalves comunga da mesma opinião, “Eu acho que sim. Se elas vêm até nós e nos visitam só para ver, eu acho que sim. É nosso e apreciam. E sabem distinguir as coisas”.

Ana Pereira, por sua vez, considera que os albicastrenses reconhecem o valor das bordadeiras, “Sim, reconhecem. E há pessoas que realmente, eventualmente, não conhecem verdadeiramente o bordado, mas na generalidade as pessoas valorizam mesmo muito o nosso trabalho. E a nossa paciência e o nosso empenho. Porque isto também é preciso ter paciência. Mas o ingrediente principal é mesmo o amor. É o amor à arte, sim”.

O município de Castelo Branco tem contribuído, aliás, e nos últimos anos, com uma série de iniciativas no sentido de fortalecer o bordado de Castelo Branco no seio da comunidade albicastrense.

Em 2016, por exemplo, foi criado o Museu da Seda, material do fio usado no bordado de Castelo Branco. Este equipamento tutelado pela Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM), foi criado para dar a conhecer a produção sericícola do concelho, a maior do país, e todo o ciclo envolvido na criação deste material. A sua produção anual é de cerca de 30 a 32 kg de seda, sendo o tingimento efetuado no Centro Tecnológico do Têxtil e Vestuário (CITEV), em Vila Nova de Famalicão.

Em 2017, por sua vez, foi inaugurado pela câmara municipal o Centro Interpretativo do Bordado de Castelo Branco, instituição que visa contribuir para a revalorização, recuperação, inovação e relançamento do Bordado de Castelo Branco, considerado como o ex-libris da cidade e do concelho e uma forma de expressão artística singular. Nesta instituição, e como referido anteriormente, trabalham cinco bordadeiras que asseguram uma produção contínua, tanto para abastecer a loja como para responder a encomendas que lhes são solicitadas.

Outro exemplo de envolvimento da autarquia com o bordado de Castelo Branco foi o desejo desta entidade em certificar esta arte têxtil. Tendo como entidade promotora o município de Castelo Branco, o processo de certificação do bordado de Castelo Branco foi concluído em 2018, tendo o respetivo caderno de especificações sido alvo de uma revisão em finais de 2022. Atualmente existem 13 artesãs com produção certificada, sendo objetivo das entidades municipais aumentar o universo de bordadeiras inseridas no processo de certificação.

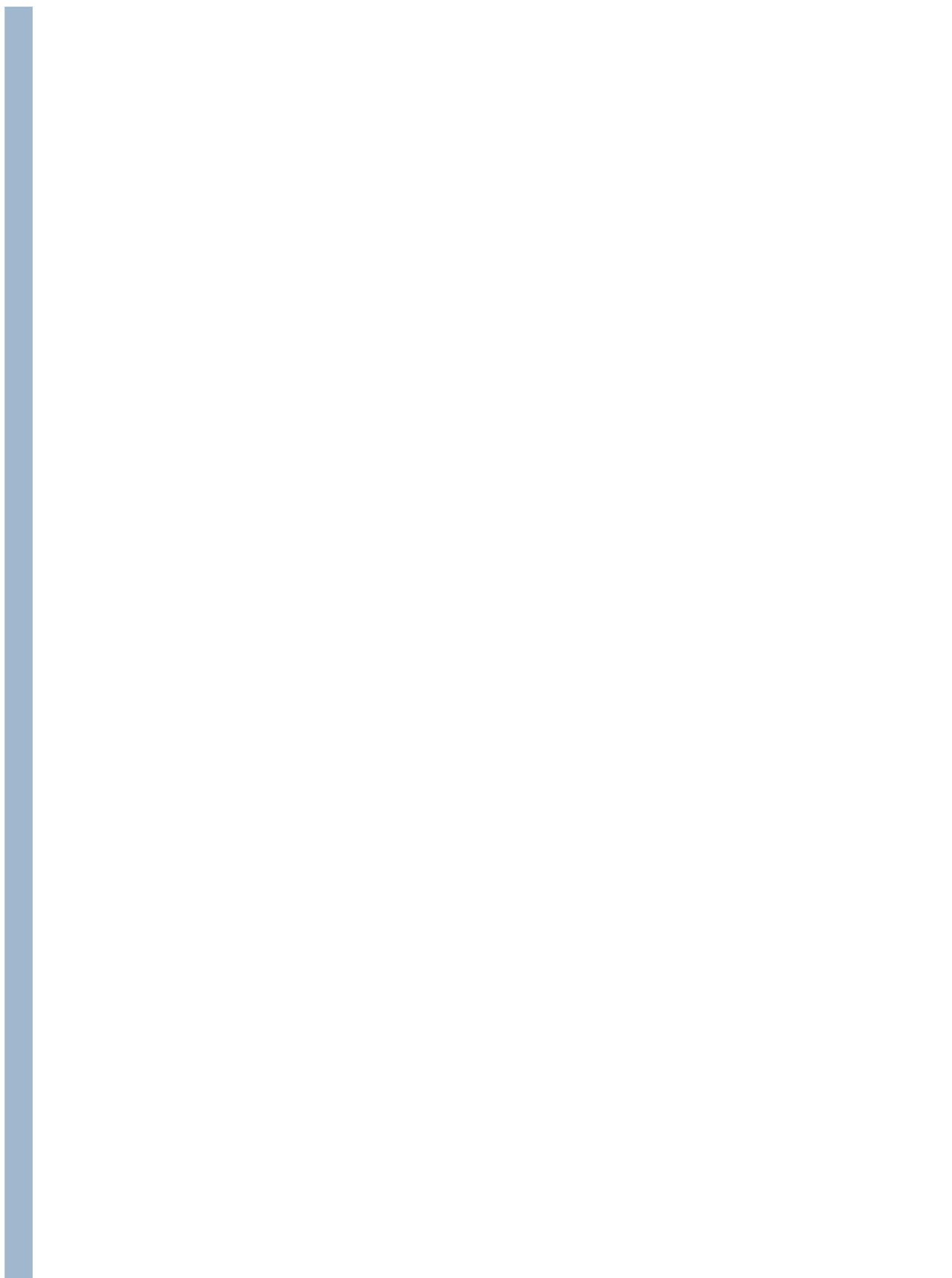
O objetivo do município, enquanto entidade promotora da certificação, foi diferenciar o bordado de Castelo Branco no contexto dos bordados nacionais, garantindo a origem e qualidade da produção, realidade que implica o respeito pelas normas de fabrico identificadas no caderno de especificações, nomeadamente no que se refere às matérias-primas utilizadas, assim como os motivos, pontos e paleta cromática escolhida.

A atribuição de uma etiqueta de certificação às peças manufaturadas segundo as normas previstas naquele documento contribui para o esclarecimento dos consumidores, ajudando-os a distinguir e valorizar as peças manufaturadas em Castelo Branco, feitas de acordo com uma tradição e história local e, portanto, apreciadas enquanto artefactos com significado sociocultural, das peças impessoais fabricadas em contextos geográficos distantes sem nada que as distingam a não ser o preço com que são comercializadas.

Atualmente, a câmara municipal de Castelo Branco está a promover, através do Bordado de Castelo Branco, a adesão à Rede de Cidades Criativas da UNESCO, na categoria Artesanato e Artes Populares. Um projeto iniciado no princípio de 2022 e que deverá culminar no final de junho de 2023 com a submissão do dossier de candidatura à UNESCO. A centralidade que o bordado de Castelo Branco assume nesta candidatura é testemunho da sua importância enquanto elemento identitário dos albicastrenses e como ferramenta para a criação de dinâmicas sociais e económicas que contribuam para o desenvolvimento sustentável deste território.

Para além de tudo o que ficou referido, o bordado de Castelo Branco é também uma imagem bastante ubíqua nas ruas da cidade. Assim, diversas calçadas estão decoradas com a representação gráfica dos principais motivos do bordado, uma realidade espelhada igualmente na fachada de alguns prédios. A própria identidade visual do município é composta por uma imagem estilizada do bordado de Castelo Branco. Todas estas evidências (entre muitas outras) testemunham o trabalho que tem vindo a ser efetuado desde há vários anos, pela autarquia, no sentido de reforçar o vínculo entre esta produção tradicional e os seus habitantes.

Foi, aliás, com o objetivo de aumentar o reconhecimento da valia sociocultural desta produção que o município de Castelo Branco avançou para o processo de inscrição do bordado de Castelo Branco no inventário nacional do património cultural imaterial. Pretende assim distingui-lo com uma marca que reforce o papel do bordado na construção da identidade albicastrense e na imagem com que o município se apresenta ao exterior.



Origem/História

O Bordado de Castelo Branco é um produto artesanal único, cuja imagem é facilmente identificável no conjunto dos bordados tradicionais portugueses. Trata-se de um bordado rico, a fio de seda, onde predomina o chamado ponto de Castelo Branco (ponto largo ou, como antigamente era conhecido, bordado a frouxo), possuindo uma gramática decorativa muito própria segundo desenhos cuja matriz remonta a colchas portuguesas do século XVII e XVIII e que, por sua vez, denotam uma clara influência oriental.

A expansão marítima portuguesa, e a consolidação das rotas comerciais estabelecidas com o oriente, fez chegar a Portugal uma série de bens exóticos que, lentamente, passaram a povoar o imaginário social e a reclamar a sua presença na casa das pessoas. Entre produtos tão variados como as especiarias, o chá, o café ou as porcelanas, alcançaram igualmente destaque as sedas e os bordados de tipologia decorativa oriental, que desde logo fascinaram o gosto das classes mais endinheiradas.

Deste modo, cedo se tentou replicar em contexto nacional esses bordados ricos que encantavam pela sua profusão cromática e decorativa. Nas palavras de Teresa Pacheco Pereira, "Não surpreende que as bordadeiras deixassem refletir o seu fascínio pelos bordados vindos da Índia ou da China ou que tentassem tranpor para um bordado essas suas superfícies quase mágicas que eram os tapetes persas". (Pereira, 2008: 83)

Verifica-se assim que a gramática decorativa das colchas de Castelo Branco refletem uma estrutura oriental, organizando-se a partir de um medalhão central que é, "circundado por um campo mais vasto e profusamente decorado". (Paixão, Pereira, Cachapuz, 2006)

A Beira Baixa constituiu-se historicamente como um relevante núcleo de produção deste bordado de sabor oriental, assim começando por responder a um mercado com apetência por este tipo de produto. Apesar desta produção ocorrer com uma singular abundância por toda a Beira Baixa durante o século XVIII, esta só é reconhecida como um conjunto único e precioso no final do século XIX, aquando da visita do Rei D. Carlos e da Rainha D. Amélia à cidade de Castelo Branco.

Com efeito, a propósito da inauguração da Linha da Beira Baixa em Setembro de 1891, a cidade de Castelo Branco não só engalanou festivamente varandas e janelas, como, para acomodar Suas Magestades, o Palácio, onde então funcionava a Junta de Província, foi todo mobilado e decorado com o que de melhor a cidade podia oferecer. É assim que largas dezenas de colchas surgem em conjunto, utilizadas quer no exterior dos edifícios quer no interior do Palácio a revestir paredes e a emoldurar portas e janelas, formando um conjunto riquíssimo e inusitado que capta a atenção da Rainha "(...) que se mostrou muito satisfeita quando se lhe disse que aquelas trabalhos representavam uma (antiga) indústria de Castello Branco", conforme se pode ler num jornal da altura.

António Roxo, que presenciou e relatou a admiração da rainha, é quem pela primeira vez utiliza a expressão "Colchas de Castelo Branco", num artigo publicado a 25 de Outubro de 1891, pois o olhar da Rainha, a sua "especial atenção" pelas colchas, permite-lhe ter uma outra percepção, um outro entendimento sobre aquele conjunto de peças, que tantos naquela região possuíam e que, de tão comuns, a ninguém ocorria o quanto eram únicas e extraordinárias.

Foi só em Junho de 1929, na 6ª sessão do IV Congresso Beirão, que as colchas e o seu bordado entram na agenda da cidade de Castelo Branco. Nessa sessão, Maria Júlia Antunes apresentou a comunicação, "Rendas e Bordados da Beira", dedicando um terço da sua exposição aos bordados "genericamente chamados a frouxo", como então se designava o bordado das Colchas de Castelo Branco. Pela primeira vez surge um texto em que se descrevem as cores, os pontos usados e a organização dos vários tipos de desenho das Colchas de Castelo Branco. No final, Júlia Antunes apela enfaticamente à protecção das "indústrias populares" e à importância do seu relançamento. Passados uns meses, em Outubro, com a intenção de escrever um artigo mais desenvolvido sobre as Colchas de Castelo Branco, Júlia Antunes volta à cidade onde observa cerca de 30 colchas, no que é acompanhada por Manuel Paiva Pessoa, ex-director do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, o qual, sobre este encontro e o trabalho então desenvolvido, publica de seguida um texto no jornal "Terra da Beira", levando a muitas mais pessoas as teses de Maria Júlia Antunes, as quais retoma e subscreve.

No essencial, considerava-se então que as colchas de desenho mais fruste, sem barra definida onde

cravos abertos constituem o essencial dos motivos decorativos, seriam as mais antigas, feitas no seio das “classes populares”. Estas colchas “plebeias” teriam captado a atenção das senhoras dos solares que as teriam enriquecido com um desenho mais cuidado e com maior variedade de motivos, pelo que as colchas “patricias ou solarengas” seriam, não só mais sumptuosas e cuidadas mas também mais recentes. E se Júlia Antunes, sobre as colchas, sublinha tratar-se de “uma notável indústria, hoje dolorosamente extinta e que teve por berço a cidade albicastrense”, Pessoa termina escrevendo “É pois ocasião de pensarmos a sério na restauração desta indústria”.

À época, o bordado a seda frouxa sobre linho, continuava, todavia, a fazer-se, integrando os currícula que os colégios da cidade proporcionavam às meninas, cuja condição social lhes permitia frequentá-los. Como escreve Paiva Pessoa: “Nos Colegios Nacional e 1º de Dezembro, desta cidade, têm-se bordado muitas colchas destas e outras senhoras também as bordam”.

No entanto, a fazer fé no que escreve a exigente professora de labores que foi Júlia Antunes, trata-se de um bordado de fraca qualidade, feito num contexto de aprendizagem (ou doméstico): “forçoso é confessá-lo a técnica das colchas primitivas, tem sido deturpada, nos seus essenciais elementos característicos, (...) e, se não se acode com um estudo bem orientado ao que do antigo ainda se conhece, (...) corre-se o perigo de vermos totalmente perdida ou desfigurada uma arte de acentuada beleza”. Paiva Pessoa acrescenta ainda: “Nada de futurismos extravagantes. É necessário que as colchas tenham a feição das antigas. De toda a conveniência seria também que a seda, empregando-se a nacional, fosse tinta pelos antigos processos de tinturaria portuguesa, com tintas vegetais inalteráveis”.

De facto, conscientes quanto aos possíveis problemas que se colocam no relançamento que advogam para o bordado, ambos se preocupam ainda com o desenho, com o modo como a seda é tingida, com a escolha das cores a utilizar e o com próprio “método” de bordar.

Esta situação continua durante os dez anos seguintes, mas é durante este tempo que se estabelece, em definitivo, o prestígio e protagonismo cultural de Eurico Sales Viana. Em 1936 havia integrado o júri provincial que seleccionou as aldeias candidatas a Aldeia mais Portuguesa de Portugal (o concurso do Secretariado da Propaganda Nacional, dirigido por António Ferro) e, com a vitória nacional de Monsanto, da qual é um dos principais obreiros, o seu peso político sai reforçado de tal forma que, juntamente com o etnógrafo Luís Chaves, é quem prepara, durante 1939-1940, a parte da Exposição do Mundo Português (1940) dedicada à “etnografia da metrópole”. Nessa finalidade, Sales Viana, acompanhado por Luís Chaves, percorre, durante o mês de Julho de 1939, a Beira Baixa, vendo e apreciando mais de uma centena de colchas, não sendo de estranhar que, logo a 5 de Agosto, publique, no semanário “A Beira Baixa” (nº 121), o texto “As Colchas de Noivado”, um artigo com tal sucesso que logo é feita uma separata para garantir uma maior divulgação.

Nesse texto, as Colchas de Castelo Branco aparecem como “colchas de noivado”, e tanto Sales Viana como Luís Chaves coincidem num mesmo discurso sobre as colchas, fortemente condicionado pelos valores ideológicos que ambos partilham. As colchas, escrevem, correspondem a peças únicas que raparigas solteiras, virgens, bordam sobre o linho, que elas próprias fiaram e teceram e com a seda que as mesmas produziram, com a finalidade de servirem uma só vez, no dia dos respectivos esponsais, após o que seriam guardadas. Ambos insistem na importância do simbolismo dos motivos que decoram as colchas em que “romãs, pinhas e cachos entoam hinos à União da Família;”, “(os) lírios se manifestam alegremente numa apoteose à Virgindade”, ou “(os) galos estilizados aludem à virtude fálica da Virilidade”, exemplos evidentes quanto à natureza ideológica deste discurso, o qual traduz uma específica visão da família que o regime de então defendia e promovia.

É também em 1940 que o Presidente da Junta Provincial, Pe. Ribeiro Cardoso, preocupado com a situação económica, funda uma Escola de Bordados da Província da Beira Baixa, vendo no relançamento da produção de colchas bordadas uma hipótese de criar emprego. Com a supervisão artística de Sales Viana e Deolinda Riscado como mestra de bordado, a Escola começa a funcionar. No entanto, Ribeiro Cardoso logo se apercebe da dificuldade na obtenção de seda natural necessária ao Bordado de Castelo Branco, agora que a II Grande Guerra grassa por quase toda a Europa, pelo que promove uma grande campanha de plantação de amoreiras como um meio de obviar a falta da seda. A campanha arranca, mas o furacão de Fevereiro de 1941 destrói as jovens plantações e a Escola acaba pouco depois, em Agosto.

Entretanto, no contexto das Comemorações dos Centenários (1140 e 1640), realizam-se, por todo o país, exposições enaltecendo as produções mais icónicas de cada região, pelo que, em Castelo Branco, em 1941, acontece uma extraordinária exposição de colchas, quase cem, que mobilizam a

atenção das elites locais, de tal forma que, no ano seguinte, algumas dessas colchas são expostas em Lisboa, por iniciativa do Secretariado de Propaganda Nacional, que a revista Panorama, divulga a um público alargado.

Em 1945, surge mais um artigo na revista Panorama, enquanto M^a José Mendonça, com a colaboração de M^a. Clementina Carneiro de Moura publica, no Catálogo da 5^a Exposição Temporária do MNAA, o artigo “Colchas Bordadas dos séculos XVII e XVIII”, onde se apresentam exemplares das Colchas de Castelo Branco.

Em cinco anos o reconhecimento das Colchas de Castelo tinha extravasado a esfera local e regional. As Colchas e o seu Bordado eram agora conhecidas por uma elite desejava de as obter. Como se pode observar, este estado de coisas foi fruto de um trabalho consciente e organizado por parte das elites locais e nacionais, durante o Estado Novo, e que em muito assentou na construção de novas leituras acerca do papel e significado das colchas, nomeadamente da sua apropriação enquanto símbolo de uma cidade e de uma região que urgia promover em termos económicos e turísticos. (Melo, 2008)

Neste sentido, não pode ser separado de operações semelhantes realizadas a propósito de outras produções, como o traje à vianesa ou os tapetes de Arraiolos, por exemplo, alcandorados ao papel de símbolos de uma certa ideia de portugalidade que a ditadura promovia e que assentava na chamada cultura popular de perfil folclorista, considerada autêntica e genuína.

Enquanto se sucediam artigos e exposições sobre o bordado, promovia-se igualmente, a existência de oficinas produtoras que, satisfazendo a procura criada, garantiriam a sua sustentabilidade.

Desde 1939 que, no Colégio de Nossa Senhora de Fátima, uma oficina de bordar patrocinada pela Mocidade Portuguesa Feminina (MPF) tentava dar resposta às solicitações do mercado. Todavia, a falta de seda e a dificuldade em escoar um produto caro levam ao seu encerramento em 1945.

Somente no início dos anos 50 surge a Oficina Casa-Mãe a qual, fundada por Elísio José de Sousa, produz, divulga e vende, com sucesso, Colchas de Castelo Branco para um mercado que já não é só local, mas nacional e, até, internacional. A visão e perseverança de Elísio José de Sousa leva-o a dedicar-se à missão de produzir as Colchas de Castelo Branco para o que promove exposições em muitas cidades portuguesas, mas também em cidades como Londres, Paris, Milão, S. Paulo ou Luanda.

O prestígio da Casa-Mãe leva mesmo o Governo a encomendar colchas para serem oferecidas a personalidades de grande destaque em visitas oficiais ao nosso País, tais como a rainha Isabel II, a sua irmã, a Princesa Margarida, ou a mulher do Presidente da República do Brasil.

São estas duas oficinas, a do Centro n.º 2 da Mocidade Portuguesa Feminina e a Casa-Mãe de Elísio José de Sousa, as responsáveis pela formação das mais distintas mestras de bordar que, ao longo dos anos, ensinaram centenas de raparigas as quais por sua vez passaram o seu saber a outras.

Aquelas que faziam parte da oficina da MPF acabaram por, em 1976, integrarem o quadro do Museu Francisco Tavares Proença Júnior. A Casa-Mãe encerrou as suas portas em 1969 devido à morte do seu fundador. Mas o saber das suas bordadeiras frutificou nas muitas oficinas que, com maior ou menor dificuldade têm mantido até hoje a produção do Bordado de Castelo Branco.

Desde 2008, que um significativo grupo de colchas, até essa data consideradas de Castelo Branco, passaram a ser vistas como tendo sido produzidas em Lisboa. De facto, trata-se, não de colchas, mas de panos de armar, pois o seu comprimento é sempre superior a 280cm, atingindo algumas os 300cm. Além da dimensão, estas peças distinguem-se ainda pelo seu programa decorativo, com barra bem vincada e campo ocupado por um padrão repetitivo, em faixas. Além do desenho denso e de grande perfeição, caracterizam-se estas peças pelo rigor do seu bordado e, em quase todas, aparece mesmo um ponto de bordar, de difícil execução, que só foi utilizado em Portugal no final do século XVII, início do século XVIII e que não aparece em mais nenhum outro país.

As colchas de cravos abertos, pelo seu desenho mais solto, quase descuidado, parecem mais compatíveis com a sua produção na zona de Castelo Branco. Já com o outro grupo de colchas, com desenho cuidado, sem barra, centros com várias tipologias, poderão ter sido não ali bordadas. Para o caso do Bordado de Castelo Branco estas distinções não colhem, uma vez que desde os meados do século XX, o bordado que foi sendo produzido, considerou igualmente todos estes modelos.

Passados mais de 80 anos sobre o reinício da produção oficial do Bordado de Castelo Branco, é então possível uma outra crítica e distanciamento e é assim que talvez valha a pena distinguir entre “Colchas de Castelo Branco” e “Bordado de Castelo Branco”. A primeira expressão cobre o conjunto de peças históricas, produzidas no século XVIII (aquelas datadas do final do século XVII,

não foram ali feitas, mas em Lisboa). Destas peças há a considerar que algumas poderão não ser de Castelo Branco. No entanto, no estado actual dos nossos conhecimentos, tal não é possível de afirmar. Nem de infirmar.

O Bordado de Castelo Branco, actividade que desde há oitenta anos mobilizou na cidade e região, largas centenas de bordadeiras, corresponde assim a uma produção de bordado a seda sobre linho, feita segundo um conjunto eclético de modelos, trabalhados ainda de um modo muito solto, pois raramente se vêem cópias, mas sim reinterpretações dos modelos existentes, sendo frequentes as misturas de motivos das várias tipologias.

Contexto de Documentação

Data 2023-6-6

Entidade Graça Ramos, Pedro Rêgo e Ana Pires

Responsável Graça Ramos, Pedro Rêgo e Ana Pires

Função Associação Portugal à Mão - respetivamente, Presidente da Direção, Antropólogo e Investigadora da área têxtil

Observação [X] Documentação da Relevância da manifestação

[X] Direitos de Propriedade Intelectual

[X] Direito à Imagem

[X] Protecção de Dados Pessoais

Bibliografia

Bibliografia	Páginas
AAVV - Bordado de Castelo Branco. Caderno de Especificações Técnicas. 2ª Edição Câmara Municipal de Castelo Branco. Castelo Branco, 2017.	
AAVV - Vida e Arte do Povo Português, Lisboa, SPN, 1940, [desenhos de Paulo Ferreira].	
ALARCÃO, Teresa, SEABRA CARVALHO, José Alberto - Imagens em Paramentos Bordados. Séculos XIV a XVI. Instituto Português de Museus, Lisboa, 1993.	
ANTUNES, Maria Júlia - Rendas e Bordados da Beira. in Actas do IV Congresso e Exposição Regional das Beiras, Jaime Lopes DIAS (Org.). Castelo Branco, 1931.	
ARRUDA, Luísa - Bordado de Castelo Branco. Estética e Desenho. In Colchas de Castelo Branco. Percursos por Terra e Mar. ADRACES. Castelo Branco, 2008.	
CARDOSO, José Ribeiro - O Problema da Sericicultura Nacional e a Exposição de Colchas de Castelo Branco. in Subsídios para a História Regional da Beira-Baixa. J. Ribeiro CARDOSO (Org.). Vol. I, Tomo I, pg. 282 -310. Junta Provincial da Beira-Baixa. 1940.	pg. 282 -310
CARDOSO, Ribeiro, CHAVES, Luís, MOURA, Maria Clementina Carneiro de; - O "Bordado" e as Colchas de Castelo Branco. Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, Castelo Branco, 1980.	
CHAVES, Luís - As Colchas de Castelo Branco. in Subsídios para a História Regional da Beira-Baixa. J. Ribeiro CARDOSO (Org.). Vol. I, Tomo I, pg. 61-96. Junta Provincial da Beira-Baixa. 1940.	pg. 61-96

- DIAS, José Lopes - Apontamento breve sobre as colchas de seda de Castelo Branco, na história e no artesanato actual. in Estudos de Castelo Branco. Revista de História e Cultura. Nº 17, pág. 5 e seguintes. 1 de Julho de 1965. pág. 5 e seguintes
- FERNANDINHO, Luísa Maria Almeida - A Problemática das Colchas a partir dos Inventários dos Órfãos da Região de Castelo Branco. in Estudos de Castelo Branco. Revista de Cultura. Nova Série, nº. 4 Janeiro Castelo Branco, 2005.
- FERREIRA, M^a. João P. - A Presença da Temática Religiosa Cristã no Seio dos Paramentos Bordados Sinoportugueses. in Oriente, nº 7, pág. 22 - 39. Fundação Oriente, Lisboa, Dezembro de 2003. pág. 22 - 39
- FERREIRA, M^a. João P. - Ganimedes e a Fortuna. Exemplos de Temáticas Mitológicas Clássicas em Peças Têxteis Bordadas Sinoportuguesas. in Oriente, nº 12, pág. 90- 114. Fundação Oriente, Lisboa, Agosto de 2005. pág. 90- 114
- FERREIRA, M^a. João P. - Os Paramentos Bordados Sinoportugueses no Contexto das Artes Decorativas do Barroco. in Actas do II Congresso Internacional do Barroco, pág. 535-543. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003. pág. 535-543
- MAGALHÃES, Calvet de - Bordados e Rendas de Portugal, Colecção Educativa. Série N, nº 10 s/d (1956). Campanha Nacional de Educação de Adultos.
- MAGALHÃES, M. M. Calvet de - Bordados Portugueses in Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo. Ano IV, nº 24. Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo. 1945.
- MELO, Daniel - A “cidade-símbolo” de Castelo Branco e o bordar da identidade beirã (século XX). In Colchas de Castelo Branco. Percursos por Terra e Mar. ADRACES. Castelo Branco, 2008.
- MENDONÇA, Maria José de - Bordados indo-portugueses: novas aquisições do Museu de Lisboa, in Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga, Volume 3, nº1, Lisboa, 1955.
- MOURA, Maria Clementina Carneiro de - “Bordados Tradicionais de Portugal”. Livro Âncora de Bordados, Nº1. s/d (1949).
- MOURA, Maria Clementina Carneiro de - As Colchas de Castelo Branco e o “Bordado”. Mocidade Portuguesa Feminina. Lisboa, Natal de 1966.
- MOURA, Maria Clementina Carneiro de - Colchas de Castelo Branco in Arte Portuguesa. As Artes Decorativas. Direcção de João Barreira, 2º vol. pp 217-284, Edições Excelsior. 1951. pág. 217-284
- MOURA, Maria Clementina Carneiro de - Tapeçarias e Bordados. in A Arte Popular em Portugal, vol. III, Direcção de Fernando de Castro Pires de Lima. Pg. 51 - 105. Editorial Verbo, 1968. Pg. 51 - 105
- PACHECO PEREIRA, Teresa e ALARCÃO, Teresa - Fábulas Bordadas. Uma colcha indo-portuguesa do século XVII. Instituto Português do Património Cultural. Museu Nacional de Arte Antiga. Lisboa, 1988.
- PAIXÃO, Maria de Fátima - Identificação e Caracterização das Matérias Primas: Linho e Seda. In Colchas de Castelo Branco. Percursos por Terra e Mar. ADRACES. Castelo Branco, 2008
- PIRES, Ana - Bordado de Castelo Branco. Elementos para uma Geografia. In Colchas de Castelo Branco. Percursos por Terra e Mar. ADRACES. Castelo Branco, 2008
- PIRES, Ana - Bordado de Castelo Branco. Emergência, Problemas e Perspectivas. In Catálogo “Bordado de Castelo Branco”. Câmara Municipal de Castelo Branco. 2015.
- PIRES, Ana - Bordado em Portugal. Alguns pontos de uma história pouco conhecida. in Os “lenços de namorados”. Frentes e versos de um produto artesanal no tempo da sua certificação. DURAND, Jean-Yves (org.) 2007. Câmara Municipal de Vila Verde.
- SALVADO, António - Colchas de Castelo Branco (séculos XVII e XVIII) do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior. Secretaria de Estado da Cultura, 1986.

SALVADO, António - Oficina -Escola de Bordados do Museu Tavares Proença Júnior e a Salvaguarda do Bordado Regional. Separata de Actas de Colóquio sobre Artesanato. Serviços Municipais de Cultura e Turismo de Coimbra/Instituto Português do Património Cultural. Coimbra, 1982.

Pág. 193-224

SANTOS, Reynaldo dos - As colchas bordadas. in Oito Séculos de Arte Portuguesa. III volume. Pág. 193-224. Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa 1970.

SILVA, M^a Madalena de Cagigal e - Alguns Bordados de Castelo Branco e Arraiolos em Coleções estrangeiras in Revista de Etnografia. Museu de Etnografia e História. Junta Distrital do Porto. Vol. I, Tomo 2, 1963.

SOUSA VITERBO - Documentos Sobre Várias Indústrias Portuguesas. Bordadores. in O Instituto. Revista Científica e Literária. Volume 64^o. Imprensa da Universidade. Coimbra. 1917.

VIANA, Eurico Sales de - As Colchas de Noivado. Separata do Semanário "A Beira Baixa", n^o 121, de 5 de Agosto de 1939. Tipografia Portela Feijão. Castelo Branco, 1939.

VAZ PINTO, Clara - Bordado de Castelo Branco. Catálogo de Desenhos. Colchas - I. Instituto Português de Museus. Lisboa 1992.

VAZ PINTO, Clara - Colchas de Castelo Branco. Instituto Português de Museus /Fundo SILVIP. Lisboa, 1993.

VIEIRA, Ana Paula Pedroso das Neves - Bordados Tradicionais Portugueses. Tese de Mestrado de Design e Marketing - Têxtil. Departamento de Engenharia Têxtil. Universidade do Minho. Policopiado. 2002.

AAVV - Pontos:.pt: Catálogo: Colchas de Castelo Branco e Tapeçarias de Portalegre. Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 2020.

PACHECO PEREIRA, Teresa - O Têxtil indo-português no contexto português. In Colchas de Castelo Branco: percursos por terra e mar. Castelo Branco, Adraces, 2008.

Observações

<MANIFESTACOES_ASSOCIADAS>

Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco

O Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco, inaugurado em 2017, é uma instituição municipal que visa contribuir para a revalorização, recuperação, inovação e relançamento do Bordado de Castelo Branco, considerado como o ex-libris da cidade e do concelho e uma forma de expressão artística singular.

A criação do Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco resultou da recuperação de um edifício com grande significado para a cidade, o Domus Municipais, antiga Casa da Vila e antiga Cadeia, tendo albergado, mais recentemente, a Biblioteca Municipal.

O Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco fica situado na Praça de Camões, ou Praça Velha, que delimita a Zona Histórica, de traça medieval, da cidade nova. Para além de espaço museológico e loja, esta instituição acolhe também a Oficina-Escola de Bordado de Castelo Branco, que reúne atualmente um conjunto de 5 bordadoras.

O Centro de Interpretação oferece ao visitante um espaço que o leva num percurso pelo Bordado de Castelo Branco, desde as matérias-primas utilizadas, tema da exposição permanente, "Tecnologias Tradicionais do Linho e da Seda", passando pela tecelagem, a evolução do Bordado e da sua técnica, o enquadramento histórico e a simbologia associada a esta arte têxtil.

Museu Francisco Tavares Proença Júnior

O Museu Francisco Tavares Proença Júnior foi criado em 1910 pelo arqueólogo Francisco Tavares Proença Júnior (1883-1916) e assume como missão o estudo, a investigação, a recolha, a documentação, a conservação, a interpretação, a exposição e a divulgação do património cultural local e regional que integra o seu acervo, com especial relevo para as coleções de Arqueologia e de Têxteis, entendidas enquanto referentes identitários do território em que se situa, assim como fontes de investigação científica e de fruição estética para os seus visitantes.

Instalado no antigo Paço Episcopal de Castelo Branco, esta instituição museológica encontra-se Integrada na Rede de Museus e Equipamentos Culturais do Município de Castelo Branco, desde 1 de setembro de 2015, no âmbito do Contrato Interadministrativo de Delegação de Competências do Governo.

O Museu Francisco Tavares Proença Júnior assume como principal vocação disciplinar a Arqueologia, as Artes Decorativas, com incidência no Bordado de Castelo Branco, assim como a Arte Sacra. Sublinhe-se que um dos núcleos principais do Museu é constituído precisamente pelo seu espólio de colchas de Castelo Branco, originário da coleção pertencente a Ernesto de Vilhena (1876-1967), sendo que a maioria das colchas deste colecionador foi adquirida pelo Victoria and Albert Museum, de Londres. As demais colchas do espólio do museu foram obtidas por via de aquisições e doações.

Este museu deve ser assim encarado como um esteio fundamental da preservação e divulgação do bordado de Castelo Branco, nele estando expostas alguns dos exemplares mais antigos desta produção. Refira-se, neste contexto, a mais-valia que representa a sua oficina de restauro, responsável pelo restauro das peças mais frágeis e vulneráveis da sua coleção.

Museu da Seda

Tutelado pela Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM) de Castelo Branco, o Museu da Seda foi criado para dar a conhecer ao grande público a história da produção de Seda em Portugal, o ciclo de vida do Bicho da Seda, as aplicações convencionais e de tecnologia de ponta - nomeadamente ao nível da Biologia e da Medicina - que se podem fazer a partir da utilização deste produto mal conhecido e, ainda assim, de inestimável valor.

Desde há décadas, a APPACDM de Castelo Branco dispõe da maior produção nacional sericícola, tendo desenvolvido parcerias de extrema relevância com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) e com a Universidade de Pádua, em Itália. A sua produção anual é de cerca de 30 a 32 kg de seda, sendo o tingimento efetuado no Centro Tecnológico do Têxtil e Vestuário (CITEV), em Vila Nova de Famalicão.

O Museu é constituído por cinco salas. Na sala um, a visita inicia-se com a apresentação da Rota da Seda, passando-se depois a apresentar a história da sericultura no nosso território, começada ainda antes da formação da nacionalidade. De seguida faz-se uma apresentação da sericultura na Beira Interior e, por fim, da atividade sericícola na APPACDM de Castelo Branco.

A sala dois - Sala dos Audiovisuais - é o espaço destinado à projeção de um pequeno filme sobre a produção da seda, com a colaboração de diferentes parceiros. As restantes salas denominam-se: Do Bicho ao Fio; Do Fio ao Tecido e do Tecido ao Produto Final. Nestes espaços pode compreender-se o processo de produção da seda, ficar a conhecer alguns instrumentos utilizados no método tradicional de se obter a seda e apreciar alguns objetos de seda.

Existe também uma loja onde se podem comprar produtos produzidos a partir da seda.

Na Sala Técnica, os visitantes mais novos podem realizar atividades com o objetivo de consolidar os conhecimentos e informações apresentadas ao longo da visita, numa experiência acompanhada e tutelada por pessoal especializado.

Certificação do Bordado de Castelo Branco

Tendo como entidade promotora o município de Castelo Branco, o processo de certificação do bordado de Castelo Branco foi concluído em 2018, tendo o respetivo caderno de especificações sido alvo de uma revisão em finais de 2022. Atualmente existem 7 Unidades Produtivas Artesanais com produção certificada, sendo objetivo das entidades municipais aumentar o universo de bordadeiras inseridas no processo de certificação.

O objetivo do município, enquanto entidade promotora da certificação, foi diferenciar o bordado de Castelo Branco no contexto dos bordados nacionais, garantindo a origem e qualidade da

produção, realidade que implica o respeito pelas normas de fabrico identificadas no caderno de especificações, nomeadamente no que se refere às matérias-primas utilizadas, assim como os motivos, pontos e paleta cromática escolhida.

A atribuição de uma etiqueta de certificação às peças manufaturadas segundo as normas previstas naquele documento contribui para o esclarecimento dos consumidores, ajudando-os a distinguir e valorizar as peças manufaturadas em Castelo Branco, feitas de acordo com uma tradição e história local e, portanto, apreciadas enquanto artefactos com significado sociocultural, das peças impessoais fabricadas em contextos geográficos distantes sem nada que as distingam a não ser o preço com que são comercializadas.

Os processos de certificação contribuem igualmente para elevar a qualidade das peças produzidas, motivando os artesãos a melhorarem continuamente a sua técnica, sendo assim ocasião de renovação da produção para novos patamares de qualidade.

Castelo Branco - Cidade Criativa da Unesco

A Câmara Municipal de Castelo Branco está a promover, através do Bordado de Castelo Branco, a adesão à Rede de Cidades Criativas da UNESCO, na categoria Artesanato e Artes Populares. Um projeto iniciado no princípio de 2022 e que deverá culminar no final de junho de 2023 com a submissão do dossier de candidatura à UNESCO.

A integração de Castelo Branco na Rede de Cidades Criativas da UNESCO promoverá a cooperação com outras cidades que, tal como Castelo Branco, reconhecem a criatividade como fator estratégico de desenvolvimento sustentável. Uma excelente plataforma para o desenvolvimento de parcerias promotoras da inovação, das indústrias culturais e criativas e de atividades económicas ligadas à manufatura do Bordado de Castelo Branco. Ao mesmo tempo, promoverá a afirmação de Castelo Branco no panorama nacional e internacional, passo fundamental para que possa ganhar ainda mais notoriedade, atraindo pessoas e investimento para esta região.

Esta iniciativa não se esgota na candidatura à UNESCO. Pretende-se potenciar várias dinâmicas, no sentido de impulsionar o desenvolvimento e crescimento de Castelo Branco como território criativo, cosmopolita e sustentável. E com isso, um território mais atrativo turisticamente e competitivo.

A centralidade que o bordado de Castelo Branco assume nesta candidatura é testemunho da sua importância enquanto elemento identitário dos albicastrenses e como ferramenta para a criação de dinâmicas sociais e económicas que contribuam para o desenvolvimento sustentável deste território.

A seda e o linho

Consideramos que as matérias-primas com que o bordado de Castelo Branco é produzido, assim como o saber-fazer envolvido na sua produção, constituem uma manifestação associada do bordado de Castelo Branco, na medida em que tradicionalmente tanto a seda como o linho usado no bordado eram produzidos localmente.

Refira-se que a especificidade do bordado de Castelo Branco reside em absoluto na utilização de fios de seda natural na sua execução, sendo de salientar que este continua a ser produzido em Castelo Branco, no Museu da Seda, apesar de uma boa parte das bordadeiras optar por adquirir seda originária de outros locais, nomeadamente da Itália.

A sericicultura é uma arte milenar e teve o seu início na China há cerca de 5000 anos. O fio da seda, propriamente dito, é produzido pelas chamadas glândulas sericígenas das lagartas do bicho-da-seda (*Bombyx Mori*). Estas alimentam-se exclusivamente das folhas da amoreira (*Morus Alba*) na sua fase larvar, que dura cerca de 25 dias. Terminado este período as lagartas tecem um casulo de seda, material que é produzido pelo seu órgão mais desenvolvido, a glândula sericígena, e expelido pela sua boca. É no interior do casulo que a lagarta se vai transformar numa borboleta, um processo que demora geralmente 15 dias. Os produtores de seda decidem então pelo momento mais apropriado para matar a borboleta, impedindo assim que esta nasça e rompa o casulo.

A fase seguinte é dedicada à extração e fiação da seda dos casulos. Estes fios, depois de organizados em meadas são finalmente lavados e branqueados, estando finalmente prontos para serem usados pelas bordadeiras.

O linho, por sua vez, é o tecido sobre o qual tradicionalmente é feito o bordado de Castelo Branco.

Atualmente, contudo, este pode ser executado também em tecidos de meio linho. Antigamente eram os linhares da região que abasteciam as tecedeiras deste produto, sendo o ciclo do linho, desde a sementeira até à fiação, uma das atividades rurais mais notórias deste território. O linho utilizado tradicionalmente era tecido ao tear, evidenciando uma textura muito fina, de tal qualidade que se confunde com algodão, tal a sua macieza e maleabilidade. Atualmente, contudo, são já muito poucas as tecedeiras que preparam no tear os linhos para serem usados pelas bordadeiras, razão pela qual a maioria das artesãs opta por adquirir linho industrial, um material que apresenta uma textura bastante macia, sendo a sua utilização permitida pelo caderno de especificações do bordado de Castelo Branco.

Representações gráficas do bordado de Castelo Branco noutras aplicações

A imagem do bordado de Castelo Branco encontra-se omnipresente no contexto urbano da cidade, através da replicação dos seus motivos em diversas calçadas ou nas fachadas de alguns prédios. Esta realidade é uma demonstração, bastante conspícua, da importância do bordado de Castelo Branco para a identidade do concelho onde nasceu e se afirmou, ajudando a projetá-lo junto dos albicastrenses e na consciência dos turistas que a visitam.

Neste contexto, é também de salientar o facto da identidade visual do município albicastrense estar ancorada numa imagem estilizada do bordado de Castelo Branco. É esta mesma imagem, aliás, que aparece, sob a forma de autocolante, nas montras das lojas da cidade, com o objetivo de assim se incentivar o comércio local. Este autocolante surge junto da frase, “Bordar e Receber”, jogo de palavras que procura mimetizar o conhecido bordão, “Dar e receber”. É igualmente de referir a presença dos motivos do bordado de Castelo Branco em vários autocarros afetos aos transportes urbanos da cidade. Esta iniciativa, levada a cabo pela Câmara Municipal de Castelo Branco no âmbito da estratégia municipal de valorização do bordado albicastrense, assume como objetivo a afirmação da identidade e do património cultural do município procurando-se criar dinâmicas e incentivar o uso dos transportes públicos.

Neste contexto, é ainda de referir a emissão, por parte da Imprensa Nacional da Casa da Moeda, de uma moeda inspirada nos motivos do bordado de Castelo Branco. A moeda destina-se a promover os Tesouros da Etnografia Portuguesa e está cunhada em três versões: 100 mil exemplares de uma moeda de cuproníquel com um valor facial de 2,50 €, uma edição de prata Proof de 2.500 exemplares com um valor unitário de 47,23 € e também uma edição de 2.500 moedas de ouro, cada uma com um valor unitário de 805,00 €. Um trabalho assinado por Fernando Branco e por Isabel Carriço, que viveu durante muitos anos na cidade de Castelo Branco, e que se inspirou numa colcha propriedade da sua família para desenhar uma das faces da moeda. Esta é também a primeira moeda emitida em Portugal com um elemento de cor, uma vez que o pássaro típico do Bordado de Castelo Branco surge a azul. A emissão deste conjunto de moedas é um reconhecimento do valor do bordado de Castelo Branco no contexto das artes tradicionais portuguesas.

</MANIFESTACOES_ASSOCIADAS>

<CRITERIOS_GENERICOS_APRECIACAO>

a) A importância da manifestação do património cultural imaterial enquanto reflexo da respetiva comunidade ou grupo

O bordado de Castelo Branco é uma marca identitária fundamental do concelho de Castelo Branco, contribuindo para a auto-estima das bordadeiras e dos albicastrenses em geral, assim reforçando os vínculos comunitários entre os seus habitantes. Esta realidade assume uma dimensão palpável numa série de manifestações visuais que se relacionam entre si, e que denotam o modo como a comunidade se reconhece nesta arte têxtil. Refira-se, assim, que a imagem do bordado de Castelo Branco encontra-se omnipresente na cidade que lhe dá o nome, através da replicação dos seus motivos em diversas calçadas ou mesmo nas fachadas de alguns prédios. Esta realidade é uma demonstração, bastante conspícua, da importância do bordado de Castelo Branco para a identidade

do concelho onde se afirmou, ajudando a projetá-lo junto dos albicastrenses e dos turistas que a visitam. Neste contexto, é também de salientar o facto da identidade visual do próprio município albicastrense estar ancorada numa imagem estilizada do bordado de Castelo Branco. É esta mesma imagem, aliás, que é utilizada, sob a forma de autocolante, nas montras das lojas da cidade, com o objetivo de assim incentivar o comércio local. Este exemplos denotam o modo como este bordado é usado como um verdadeiro símbolo identitário daquele território, um símbolo que permite ao poder político e aos cidadãos daquele concelho diferenciar-se de outras regiões, contribuindo assim para o reforço da coesão social. A importância do bordado para a cidade é visível igualmente numa série de instituições que merecem ser aqui destacadas, pelo papel educativo que desempenham e nas quais se destacam o Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco, o Museu da Seda ou ainda o Museu Francisco Tavares Proença Júnior.

b) Os contextos sociais e culturais da sua produção, reprodução e formas de acesso, designadamente quanto à respetiva representatividade histórica e espacial

O bordado de Castelo Branco é uma produção artesanal com pergaminhos históricos no concelho de Castelo Branco, sendo as colchas mais antigas datadas do século XVIII. Apesar da sua antiguidade, esta produção apenas começou a adquirir notoriedade em finais do século XIX, aquando da visita do rei D. Carlos e da rainha D. Amélia à cidade, por ocasião da inauguração da linha da Beira-Baixa. O bordado voltaria a ganhar destaque na primeira metade do século XX, através da publicação de uma série de artigos e da realização de exposições em que as colchas de Castelo Branco ocupavam o lugar central. É também nesta época que são fundadas escolas e oficinas com vista à reprodução do saber-fazer. No início dos anos 50, e aproveitando o facto do reconhecimento desta arte têxtil ser cada vez maior, surge a Oficina Casa-Mãe a qual, fundada por Elísio José de Sousa, produz, divulga e vende, com sucesso, Colchas de Castelo Branco para um mercado que já não é só local, mas nacional e, até, internacional. A visão e perseverança de Elísio José de Sousa leva-o a dedicar-se à missão de produzir as Colchas de Castelo Branco para o que promove exposições em muitas cidades portuguesas, mas também em cidades como Londres, Paris, Milão, S. Paulo ou Luanda. O prestígio da Casa-Mãe leva mesmo o Governo a encomendar ali as colchas que são oferecidas a personalidades de grande destaque em visitas oficiais ao nosso País, tais como a rainha Isabel II, a sua irmã, a Princesa Margarida, ou a mulher do Presidente da República do Brasil. Duas grandes oficinas foram responsáveis pela formação das mais distintas mestras de bordar ao longo dos anos, ensinando centenas de raparigas, as quais por sua vez passaram o seu saber a outras. Referimo-nos ao Centro da Mocidade Portuguesa Feminina de Castelo Branco, e a Casa-Mãe de Elísio José de Sousa. Aquelas que faziam parte da oficina da MPF acabaram por, em 1976, integrarem o quadro de funcionários do Museu Francisco Tavares Proença Júnior. A Casa-Mãe encerrou as suas portas em 1969 devido à morte do seu fundador. Mas o saber das suas bordadeiras frutificou nas oficinas que, com maior ou menor dificuldade, têm mantido até hoje a produção do Bordado de Castelo Branco. Diga-se, a este propósito, que muitas bordadeiras atuais aprenderam com mestras que trabalharam na oficina de Elísio José de Sousa. Atualmente existem cerca de 200 bordadeiras que dominam a técnica do bordado de Castelo Branco, apesar da grande maioria não se dedicar a explorar comercialmente esta produção. Este saber-fazer encontra-se espalhado atualmente um pouco por todo o concelho e mesmo em algumas manchas do distrito de Castelo Branco, facto que testemunha o sucesso que este bordado alcançou em termos históricos. Neste sentido, e em termos de distribuição geográfica, a maioria das bordadeiras pertence ao concelho de Castelo Branco, principalmente à freguesia com o mesmo nome, correspondentes a quase metade do total de bordadeiras identificadas. No entanto, existem também muitas bordadeiras nas freguesias de Escalos de Cima, Alcains e Mata. Tradicionalmente, existem também bordadeiras nas freguesias de Sarzedas, Ninho do Açor, Tinalhas, Póvoa de Rio de Moinhos, Salgueiro do Campo, Escalos de Baixo, Lousa, São Vicente da Beira, São Vicente da Fraga, Freixial do Campo, Juncal do Campo, Benquerenças, Malpica do Tejo, Monforte da Beira e Retaxo. Para além do município de Castelo Branco, o bordado que hoje leva o nome daquela cidade afirmou-se historicamente em diversos núcleos de produção distribuídos pelo distrito, nomeadamente nos concelhos de Vila Velha de Ródão, Fundão, Proença à Nova, Covilhã, Penamacor, Oleiros, Belmonte e Vila de Rei.

c) A efetiva produção e reprodução da manifestação do património cultural imaterial no âmbito da comunidade ou grupo a que se reporta

O universo atual de bordadeiras pode ser dividido entre aquelas que trabalham de modo contínuo nesta produção, dela obtendo um rendimento, e as que, embora dominando o saber-fazer, bordam numa perspectiva de autoconsumo. As profissionais são, na maioria, aquelas que têm a sua produção certificada, situação a que corresponde um total de treze bordadeiras. Com produção orientada para o mercado encontram-se ainda mais dez bordadeiras, embora estas últimas não façam parte do processo de certificação. As bordadeiras sem vertente comercial de produção ascendem às centenas, espelhadas pelo distrito de Castelo Branco, sendo aqui preciso destacar, pelo percurso que tiveram e o grande domínio que apresentam da técnica envolvida nesta arte tradicional, a dezena de antigas bordadeiras que trabalharam na antiga oficina de bordados do Museu Francisco Tavares Proença Júnior. Ao contrário de outros núcleos de produção de bordado, cuja aprendizagem da arte ocorre por via familiar, a transmissão do saber-fazer do bordado de Castelo Branco foi realizada, pelo menos no caso das bordadeiras atuais, por um conjunto de mestras com grande experiência de trabalho, muitas delas tendo estado empregadas na oficina de Elísio José de Sousa, uma verdadeira escola que marcou o panorama desta arte têxtil em meados do século XX. Outras bordadeiras, por sua vez, fizeram a sua aprendizagem no Museu Francisco Tavares Proença Júnior ou mesmo em cursos ministrados pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional. Outra vertente onde o saber-fazer do bordado de Castelo Branco encontra-se presente é a do restauro, existindo atualmente duas técnicas dedicadas a esta área, uma com loja própria e outra a trabalhar no Museu Francisco Tavares Proença Júnior.

d) A efetiva transmissão intergeracional da manifestação do património cultural imaterial e dos modos em que se processa:

Atualmente, a transmissão intergeracional do saber-fazer do bordado de Castelo Branco é realizada sobretudo no contexto dos cursos ministrados pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional a pessoas desempregadas. Estes cursos são ministrados por bordadoras possuidoras do Certificado de Competências Pedagógicas. A generalidade das bordadeiras, contudo, reportam que não se encontram a ensinar ninguém, temendo, por esse motivo, pelo futuro da produção.

e) As circunstâncias suscetíveis de constituir perigo ou eventual extinção, parcial ou total, da manifestação do património cultural imaterial

O bordado Castelo Branco, como aliás quase todas as artes e ofícios tradicionais têxteis portuguesas, enfrenta inúmeros riscos e ameaças que advêm de ser uma atividade exclusivamente artesanal/manual, com muito dispêndio de tempo e meios (o linho e a seda são matérias-primas caras) por parte de quem produz, fatores que, regra geral, são indevidamente valorizados pela maioria dos consumidores. Embora não se encontre ameaçado de extinção, uma vez que existe um leque de bordadeiras significativo e investimento do Município na formação de novas artesãs, encontram-se identificadas algumas ameaças:

- a falta de sensibilização pública para a especificidade da arte manual do bordado a seda de Castelo Branco e para a sua dificuldade e morosidade de execução (o que faz com que o seu valor monetário seja elevado);
- o diminuto número de bordadeiras que se dedicam profissionalmente à arte, uma vez que a atividade é preterida em benefício de outras mais bem remuneradas e menos trabalhosas e morosas;
- dificuldades na renovação geracional e atração de jovens que veem nas artes e ofícios tradicionais um setor antiquado, mal remunerado e muito exigente em termos de trabalho e tempo despendido;
- dificuldades na obtenção de bom fio de seda. A produção local da APPACDM não é suficiente e não cobre as cores necessárias, pelo que as bordadeiras recorrem ao mercado estrangeiro, nem sempre obtendo fio de qualidade o que vai desqualificar o bordado produzido;
- dificuldade na obtenção de bons desenhos, o que faz com que algum do bordado certificado no mercado seja repetitivo e pouco interessante, deteriorando a “imagem de marca” existente;
- qualidade do suporte de linho/meio linho utilizado no bordado de Castelo Branco nem sempre é a melhor (sendo grosseiro e fazendo com que o bordado resulte pesado);
- a falta de formação em restauro de bordado na oficina do Museu Francisco Tavares Proença

Júnior, que coloca esta oficina e a sua atividade específica e importantíssima em risco de extinção quando a única bordadeira/restauradora se reformar (o que acontecerá em breve);

- falta de promoção das oficinas/bordadeiras profissionais existentes (à exceção do centro de interpretação), para que o mercado as identifique e possa visitá-las e fazer encomendas diretas;
- a forma de organização e governança da produção que ainda permite que muitas bordadeiras sejam mera mão-de-obra (não legalizada) ao serviço de outras legalmente constituídas, não tendo produção própria nem vontade em enveredar por uma situação mais estável;
- a inexistência de espírito de comunidade entre as bordadeiras que trabalham sozinhas na sua residência, o que faz com que trabalhem muito individualmente e não consigam responder a encomendas volumosas (que acabam por ser entregues frequentemente ao Centro de Interpretação do Bordado onde o grupo de 5 bordadeiras dá resposta);
- a existência de dificuldades, a nível de mercado, muito mais nos tempos de crise que se atravessam e que fazem com que os consumidores pretiram comprar bens dispendiosos e que não são de primeira necessidade (o que leva muitas bordadeiras a dedicarem-se a outras tarefas/trabalhos mais bem remunerados).

f) As medidas de salvaguarda em relação à continuidade da manifestação do património cultural imaterial

Como medidas do Plano de Salvaguarda a implementar a curto e médio-prazo pelo Município de Castelo Branco para a valorização e salvaguarda do processo tradicional de produção do Bordado de Castelo Branco devem ser destacadas as seguintes (aliás no seguimento de inúmeras atividades desenvolvidas ao longo dos últimos anos e até ao momento presente):

Mais do que defender um específico processo da passagem do desenho para o tecido (risco), há que insistir na qualidade do desenho, condição necessária à boa execução do bordado. Assim, é urgente a necessidade de se capacitarem as bordadeiras com desenhos de maior qualidade. Talvez a compilação de bons desenhos num “Livro de desenhos” possa constituir um importante instrumento de trabalho que qualifique o bordado atual e diversifique as abordagens possíveis, sem descaracterizar a produção.

Promover, junto das bordadeiras (atuais e futuras), o processo de certificação do bordado de Castelo Branco, através de ações dirigidas que atestem a importância da legalização do trabalho artesanal e da sua qualificação. A implementação do processo de certificação do Bordado de Castelo Branco é já uma realidade desde 2018 e assegura que o bordado associado a este território e as suas bordadeiras são reconhecidas como produtoras artesanais certificadas, garantindo desta forma a proveniência e a diferenciação desta produção, salvaguardando que as ações de inovação não descaracterizarão as suas especificidades identitárias e permitindo a colocação desta produção artesanal em mercados mais atrativos e vantajosos para as suas produtoras. Este processo de certificação implicou o registo da IG - Indicação Geográfica no INPI (Instituto da Propriedade Industrial) garantindo que o nome associado a esta produção artesanal - Bordado de Castelo Branco - é vinculado ao seu território de origem, garantindo a sua especificidade e diferenciação.

A assunção do bordado como ex-libris de Castelo Branco e a sua integração nas atividades desenvolvidas pela Câmara Municipal no âmbito da candidatura a “Cidade Criativa da UNESCO” na categoria de artesanato e artes populares com ações dirigidas ao público em geral, a estudiosos e investigadores e a turistas, permitem uma abordagem alargada a esta arte e a sua divulgação por via do Centro de Interpretação do Bordado, das próprias oficinas e das suas bordadeiras.

Criação de Oficina de restauro e reabilitação do bordado - a oficina/laboratório existente no Museu Francisco Tavares Proença Júnior conta, atualmente, apenas com uma funcionária (Júlia Bispo), colaboradora essa que está próximo da idade da reforma, pelo que urge encontrar forma de dar seguimento aos trabalhos aí desenvolvidos. Necessário dar formação em restauro, tingimento de seda e bordado a grupo de bordadoras que possam assegurar a manutenção da oficina e até torná-la viável em termos económicos no futuro.

Ações/cursos de formação - no seguimento do que está a ser feito atualmente, é necessário continuar a investir na formação e requalificação de bordadoras, no sentido de introduzir o bordado de Castelo Branco a pessoas mais jovens e que possam fazer da atividade profissão, bem como trabalhar com as bordadoras existentes com vista à sua requalificação e atualização.

Criação de espaço comercial exclusivamente dedicado ao bordado de Castelo Branco no centro da

cidade, onde as bordadoras que não integram o centro de Interpretação e que têm as suas produções certificadas possam escoar as suas produções e promover o seu trabalho. Continuação do investimento do município na realização de colóquios, seminários, exposições e edições sobre esta arte emblemática de Castelo Branco, fomentando a investigação científica na área.

Continuação do trabalho com escolas e grupos de jovens/crianças, no sentido de os sensibilizar para a importância local e especificidade do bordado. Edição de materiais didáticos (livros, jogos, kits, etc).

g) O respeito pelos direitos, liberdades e garantias e a compatibilidade com o direito internacional em matéria de defesa dos direitos humanos

O bordado de Castelo Branco não colide com qualquer norma do direito internacional em matéria de defesa dos direitos humanos, respeitando ainda os direitos, liberdades e garantias das bordadoras.

h) A articulação com as exigências de desenvolvimento sustentável e de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos.

O bordado de Castelo Branco é uma atividade artesanal que contribui para o desenvolvimento sustentável, reforçando a coesão social, a auto-estima e o sentimento de identidade das comunidades onde é praticado, conjunto de atributos que são reflexo da importância histórica, económica e sociocultural que esta produção tem neste território. Tradicionalmente, esta arte têxtil é manufaturada com matérias-primas produzidas localmente, realidade que ainda hoje se verifica no caso da seda. Neste sentido, é uma atividade que promove o uso de recursos locais, sendo assim uma atividade sustentável também em termos ambientais. Sendo um labor feminino, o bordado de Castelo Branco concorre igualmente para a igualdade de género, garantindo trabalho e rendimento digno para as bordadeiras, assim contribuindo para reduzir as desigualdades entre os géneros e reduzindo o risco de pobreza.

</CRITERIOS_GENERICOS_APRECIACAO>

<PATRIMONIO_CULTURAL>

Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco

O Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco, inaugurado em 2017, é uma instituição municipal que visa contribuir para a revalorização, recuperação, inovação e relançamento do Bordado de Castelo Branco, considerado como o ex-libris da cidade e do concelho e uma forma de expressão artística singular.

A criação do Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco resultou da recuperação de um edifício com grande significado para a cidade, o Domus Municipalis, antiga Casa da Vila e antiga Cadeia, tendo albergado, mais recentemente, a Biblioteca Municipal.

O Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco fica situado na Praça de Camões, ou Praça Velha, que delimita a Zona Histórica, de traça medieval, da cidade nova. Para além de espaço museológico e loja, esta instituição acolhe também a Oficina-Escola de Bordado de Castelo Branco, que reúne atualmente um conjunto de 5 bordadoras.

O Centro de Interpretação oferece ao visitante um espaço que o leva num percurso pelo Bordado de Castelo Branco, desde as matérias-primas utilizadas, tema da exposição permanente, "Tecnologias Tradicionais do Linho e da Seda", passando pela tecelagem, a evolução do Bordado e da sua técnica, o enquadramento histórico e a simbologia associada a esta arte têxtil.

Museu Francisco Tavares Proença Júnior

O Museu Francisco Tavares Proença Júnior foi criado em 1910 pelo arqueólogo Francisco Tavares Proença Júnior (1883-1916) e assume como missão o estudo, a investigação, a recolha, a documentação, a conservação, a interpretação, a exposição e a divulgação do património cultural local e regional que integra o seu acervo, com especial relevo para as coleções de Arqueologia e de Têxteis, entendidas enquanto referentes identitários do território em que se situa, assim como fontes de investigação científica e de fruição estética para os seus visitantes.

Instalado no antigo Paço Episcopal de Castelo Branco, esta instituição museológica encontra-se Integrada na Rede de Museus e Equipamentos Culturais do Município de Castelo Branco, desde 1 de setembro de 2015, no âmbito do Contrato Interadministrativo de Delegação de Competências do Governo.

O Museu Francisco Tavares Proença Júnior assume como principal vocação disciplinar a Arqueologia, as Artes Decorativas, com incidência no Bordado de Castelo Branco, assim como a Arte Sacra. Sublinhe-se que um dos núcleos principais do Museu é constituído precisamente pelo seu espólio de colchas de Castelo Branco, originário da coleção pertencente a Ernesto de Vilhena (1876-1967), sendo que a maioria das colchas deste colecionador foi adquirida pelo Victoria and Albert Museum, de Londres. As demais colchas do espólio do museu foram obtidas por via de aquisições e doações.

Este museu deve ser assim encarado como um esteio fundamental da preservação e divulgação do bordado de Castelo Branco, nele estando expostas alguns dos exemplares mais antigos desta produção. Refira-se, neste contexto, a mais-valia que representa a sua oficina de restauro, responsável pelo restauro das peças mais frágeis e vulneráveis da sua coleção.

Museu da Seda

Tutelado pela Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM) de Castelo Branco, o Museu da Seda foi criado para dar a conhecer ao grande público a história da produção de Seda em Portugal, o ciclo de vida do Bicho da Seda, as aplicações convencionais e de tecnologia de ponta - nomeadamente ao nível da Biologia e da Medicina - que se podem fazer a partir da utilização deste produto mal conhecido e, ainda assim, de inestimável valor.

Desde há décadas, a APPACDM de Castelo Branco dispõe da maior produção nacional sericícola, tendo desenvolvido parcerias de extrema relevância com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) e com a Universidade de Pádua, em Itália. A sua produção anual é de cerca de 30 a 32 kg de seda, sendo o tingimento efetuado no Centro Tecnológico do Têxtil e Vestuário (CITEV), em Vila Nova de Famalicão.

O Museu é constituído por cinco salas. Na sala um, a visita inicia-se com a apresentação da Rota da Seda, passando-se depois a apresentar a história da sericultura no nosso território, começada ainda antes da formação da nacionalidade. De seguida faz-se uma apresentação da sericultura na Beira Interior e, por fim, da atividade sericícola na APPACDM de Castelo Branco.

A sala dois - Sala dos Audiovisuais - é o espaço destinado à projeção de um pequeno filme sobre a produção da seda, com a colaboração de diferentes parceiros. As restantes salas denominam-se: Do Bicho ao Fio; Do Fio ao Tecido e do Tecido ao Produto Final. Nestes espaços pode compreender-se o processo de produção da seda, ficar a conhecer alguns instrumentos utilizados no método tradicional de se obter a seda e apreciar alguns objetos de seda.

Existe também uma loja onde se podem comprar produtos produzidos a partir da seda.

Na Sala Técnica, os visitantes mais novos podem realizar atividades com o objetivo de consolidar os conhecimentos e informações apresentadas ao longo da visita, numa experiência acompanhada e tutelada por pessoal especializado.

</PATRIMONIO_CULTURAL>

<PATRIMONIO_NATURAL>

A seda e o linho

Consideramos que as matérias-primas com que o bordado de Castelo Branco é produzido, assim

como o saber-fazer envolvido na sua produção, constituem uma manifestação associada do bordado de Castelo Branco, na medida em que tradicionalmente tanto a seda como o linho usado no bordado eram produzidos localmente.

Refira-se que a especificidade do bordado de Castelo Branco reside em absoluto na utilização de fios de seda natural na sua execução, sendo de salientar que este continua a ser produzido em Castelo Branco, no Museu da Seda, apesar de uma boa parte das bordadeiras optar por adquirir seda originária de outros locais, nomeadamente da Itália.

A sericultura é uma arte milenar e teve o seu início na China há cerca de 5000 anos. O fio da seda, propriamente dito, é produzido pelas chamadas glândulas sericígenas das lagartas do bicho-da-seda (*Bombyx Mori*). Estas alimentam-se exclusivamente das folhas da amoreira (*Morus Alba*) na sua fase larvar, que dura cerca de 25 dias. Terminado este período as lagartas tecem um casulo de seda, material que é produzido pelo seu órgão mais desenvolvido, a glândula sericígena, e expelido pela sua boca. É no interior do casulo que a lagarta se vai transformar numa borboleta, um processo que demora geralmente 15 dias. Os produtores de seda decidem então pelo momento mais apropriado para matar a borboleta, impedindo assim que esta nasça e rompa o casulo.

A fase seguinte é dedicada à extração e fiação da seda dos casulos. Estes fios, depois de organizados em meadas são finalmente lavados e branqueados, estando finalmente prontos para serem usados pelas bordadeiras.

O linho, por sua vez, é o tecido sobre o qual tradicionalmente é feito o bordado de Castelo Branco. Atualmente, contudo, este pode ser executado também em tecidos de meio linho. Antigamente eram os linhares da região que abasteciam as tecedeiras deste produto, sendo o ciclo do linho, desde a sementeira até à fiação, uma das atividades rurais mais notórias deste território.

O linho utilizado tradicionalmente era tecido ao tear, evidenciando uma textura muito fina, de tal qualidade que se confunde com algodão, tal a sua macieza e maleabilidade. Atualmente, contudo, são já muito poucas as tecedeiras que preparam no tear os linhos para serem usados pelas bordadeiras, razão pela qual a maioria das artesãs opta por adquirir linho industrial, um material que apresenta uma textura bastante macia, sendo a sua utilização permitida pelo caderno de especificações do bordado de Castelo Branco.

</PATRIMONIO_NATURAL>

<ESTUDOS_METODOLOGIAS_PROGRAMAS>

Como se poderá verificar pela vasta lista bibliográfica constante do Anexo I, o Bordado de Castelo Branco tem suscitado enorme interesse por parte de diversos autores assim como da comunidade científica.

Foi António Roxo quem elaborou o primeiro texto sobre o bordado de Castelo Branco, moldando pela primeira vez a expressão “Colchas de Castelo Branco”, num artigo publicado a 25 de outubro de 1891 a propósito da visita da rainha D. Amélia a esta cidade. Refere, então, que a “especial atenção” que a Rainha deu às colchas permitiu aos albicastrenses ter uma outra perceção, um outro entendimento, sobre aquele conjunto de peças, que tantos naquela região possuíam e que, de tão comuns, a ninguém ocorria o quanto eram únicas e extraordinárias.

Foi só em junho de 1929, no entanto, mais precisamente no IV Congresso Beirão, que as colchas e o seu bordado entram na agenda da cidade de Castelo Branco. Nessa sessão, Maria Júlia Antunes apresentou a comunicação, “Rendas e Bordados da Beira”, dedicando um terço da sua exposição aos bordados “genericamente chamados a frouxo”, como então se designava o bordado das Colchas de Castelo Branco. Pela primeira vez surge um texto em que se descrevem as cores, os pontos usados e a organização dos vários tipos de desenho das Colchas de Castelo Branco. No final, Júlia Antunes apela enfaticamente à proteção das “indústrias populares” e à importância do seu relançamento.

Passados uns meses, em outubro, com a intenção de escrever um artigo mais desenvolvido sobre as Colchas de Castelo Branco Júlia Antunes volta à cidade onde observa cerca de 30 colchas, no que é acompanhada por Manuel Paiva Pessoa, ex-diretor do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, o qual, sobre este encontro e o trabalho então desenvolvido, publica de seguida um texto no jornal Terra da Beira, levando a muitas mais pessoas as teses de Maria Júlia Antunes, as quais retoma e

subscreve.

Mais tarde, a 5 de agosto de 1939, é Eurico Sales Viana, organizador, juntamente com Luís Chaves, da “Exposição do Mundo Português” (1940) dedicada à “etnografia da metrópole”, quem publica, no semanário “A Beira Baixa”, o artigo “As Colchas de Noivado”, um texto com tal sucesso que logo é feita uma separata para garantir uma maior divulgação.

Em 1945, por sua vez, Manuel Calvet de Magalhães publica um artigo na revista “Panorama” sobre os bordados portugueses, no qual é referido o bordado de Castelo Branco. Nesse mesmo ano, M^a José Mendonça, com a colaboração de M^a. Clementina Carneiro de Moura publica, no Catálogo da 5^a Exposição Temporária do MNAA, o artigo “Colchas Bordadas dos séculos XVII e XVIII”, onde se apresentam exemplares das Colchas de Castelo Branco, assim reforçando o reconhecimento desta arte têxtil junto de um público mais alargado.

Maria Clementina Carneiro de Moura torna a publicar um texto, em 1951, sobre os bordados de Castelo Branco, agora a propósito da publicação “Arte Portuguesa”, intitulado, “Colchas de Castelo Branco”.

Em 1957, o próprio Aquilino Ribeiro publica um artigo de fundo no jornal “O Século” intitulado “Arte popular feminina”, e no qual vincula o bordado de Castelo Branco à arte de expressão oriental.

Em 1963, entretanto, é publicado o artigo “Alguns bordados de Castelo Branco e Arraiolos em coleções estrangeiras”, de autoria de Maria Madalena de Cagigal e Silva, na “Revista de Etnografia”, onde a autora estabelece pertinentes relações entre o bordado de Castelo Branco e os tecidos indo-portugueses.

Em 1965 é publicado, na Revista “Estudos de Castelo Branco”, um artigo de grande fôlego de autoria de José Lopes Dias, intitulado, “Apontamento breve sobre as colchas de seda de Castelo Branco, na história e no artesanato actual”, no qual é feito uma sùmula do que foi publicado até àquele momento sobre esta arte têxtil.

No ano de 1979 é a vez de António Salvado publicar o artigo, “A preservação do bordado e da colcha de Castelo Branco e a Oficina-Escola de bordados do Museu Tavares Proença Júnior”, onde traça a evolução histórica deste labor artístico. O mesmo autor continuaria a publicar sobre esta temática em 1982 e 1986, com os artigos, “Oficina -Escola de Bordados do Museu Tavares Proença Júnior e a Salvaguarda do Bordado Regional” e, “Colchas de Castelo Branco: séculos XVII e XVIII: do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior”.

Todos estes textos ajudaram a consolidar a importância do bordado de Castelo Branco, reforçando o seu reconhecimento junto de um público alargado, dando a conhecer a sua história, técnica e matérias-primas utilizadas.

Mais recentemente, novas publicações foram sendo editadas, das quais destacamos os trabalhos de Clara Vaz Pinto, “Bordado de Castelo Branco. Catálogo de Desenhos: Colchas” (1992) e “Colchas de Castelo Branco” (1993). Também importante foi a edição da publicação “Colchas de Castelo Branco: Percursos por Terra e Mar”, editado em 2008 pela ADRACES e composto por um conjunto de textos bastante pertinentes sobre o bordado de Castelo Branco.

Neste contexto, merece também serem destacados os trabalhos de Ana Pires, nomeadamente o artigo, “Bordado de Castelo Branco: Emergência, Problemas e Perspectivas, publicado no catálogo da exposição “Bordado de Castelo Branco”, editado em 2015 pela Câmara Municipal de Castelo Branco, assim como o caderno de especificações para a certificação do bordado de Castelo Branco, cuja primeira edição data de 2017 e é de autoria conjunta de Ana Pires e Graça Ramos. Esta caderno foi alvo de uma revisão que foi concluído em 2023.

Paralelamente aos livros e artigos publicados a propósito do bordado de Castelo Branco, tem vindo a existir ao longo dos últimos anos, por parte do Município de Castelo Branco, do Museu Francisco Tavares Proença Júnior e do Centro de Interpretação do bordado de Castelo Branco, uma preocupação em proceder à sua ampla divulgação quer junto do público escolar, quer do público em geral (nacional e estrangeiro). Este conjunto de atividades pode ser consultada no separador dedicado às atividades constante deste processo de candidatura.

A metodologia empregue no presente trabalho baseou-se na combinação de diversas fontes de informação, permitindo-nos obter um retrato o mais preciso possível da realidade histórica, mas também contemporânea, do bordado de Castelo Branco. Em primeiro lugar, procedeu-se a uma aturada investigação bibliográfica, que nos possibilitou realizar um enquadramento histórico e geográfico da produção.

Por outro lado, foi realizado um total de 9 entrevistas a bordadeiras e técnicas de restauro de bordado, consideradas representativas do universo de artesãs existentes. Estas entrevistas ajudaram-nos a caracterizar esta produção em termos técnicos, ajudando-nos a perceber com maior detalhe as questões técnicas associadas à manufatura do bordado.

As entrevistas foram também essenciais para contextualizar o momento presente atravessado pelo bordado de Castelo Branco, permitindo-nos auscultar opiniões, expectativas e apreensões das agentes envolvidas na sua produção.

Finalmente, procedeu-se também à consulta de uma série de fotografias históricas, essenciais para ajudar a caracterizar a evolução desta produção ao longo do tempo, facto que veio enriquecer a presente candidatura.

O trabalho de campo decorreu entre meados de 2022 e maio de 2023.

</ESTUDOS_METODOLOGIAS_PROGRAMAS>

<ENTIDADE_REQUERENTE>

Este pedido de inventariação é apresentado pelo Município de Castelo Branco, quer como representante direto das bordadeiras atualmente em atividade envolvidas no processo de produção, certificação e salvaguarda da tradição de que são detentoras principais, quer como da comunidade globalmente considerada, de cuja identidade cultural aquela tradição constitui um elemento fundamental.

A Câmara Municipal de Castelo Branco tem vindo a conceber uma série de iniciativas estruturantes no sentido de estudar, preservar, renovar e divulgar o bordado de Castelo Branco, afirmando-o como um ativo fundamental no contexto das estratégias de desenvolvimento local desenhadas pelo município.

Assim, o bordado de Castelo Branco é considerado pelo município como uma manifestação cultural imaterial que pode e deve contribuir para o desenvolvimento económico sustentável do concelho e promover a coesão e a identidade municipal, podendo assim ser potenciado enquanto bem cultural de dimensão estratégica para o território.

É neste âmbito que deve ser entendida a ação do Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco, do Museu da Seda ou do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, equipamentos que procuram dar a conhecer as matérias-primas, o saber-fazer, assim como a história desta produção, assim destacando-a enquanto marcador identitário do território junto dos albicastrenses e dos turistas que visitam o concelho.

É, aliás, no seguimento desta política de valorização dos seus recursos endógenos que a Câmara Municipal de Castelo Branco procedeu à certificação do bordado de Castelo Branco, em 2018, e procura candidatar, agora, Castelo Branco a Cidade Criativa da UNESCO com enfoque nas artes tradicionais e mais especificamente no Bordado de Castelo Branco e inscrever o bordado de Castelo Branco no inventário nacional do património cultural imaterial (PCI), reforçando assim a sua importância no contexto das manifestações culturais nacionais.

</ENTIDADE_REQUERENTE>

<ACTIVIDADES>

O município de Castelo Branco tem vindo a desenvolver, nos últimos anos, um extenso programa dedicado ao estudo, valorização e promoção do bordado de Castelo Branco.

Destacam-se neste contexto, as seguintes atividades:

2015 - Exposição “Bordado de Castelo Branco”, que esteve presente nos seguintes locais:
Núcleo-sede do Museu de Lisboa - Palácio Pimenta - Campo Grande
Museu de Alberto Sampaio - Guimarães
Galeria Ogiva - Rede Municipal Museus de Óbidos

2017 - Criação do Concurso Nacional, “O Bordado de Castelo Branco na Moda”. Mantém-se desde aí, com exceção feita aos 2 anos de Pandemia (2020 e 2021)

2017 - Projeto “Reino dos Céus”, sete peças têxteis elaboradas em bordado de Castelo Branco da autoria da artista plástica Cristina Rodrigues, instaladas em quatro altares da catedral de Manchester. Este projeto, concretizado pelas bordadeiras do Centro de Interpretação do Bordado de Castelo Branco, foi elaborado em recordação do 60o aniversário da visita oficial de Sua Majestade a Rainha Isabel II a Portugal, altura em que foi obsequiada com uma Colcha de Castelo Branco.

2018 - Concluído o processo de certificação do Bordado de Castelo Branco (Dia da Cidade);

2019 - Exposição/Participação do bordado de Castelo Branco (Colchas e Inovação) na 1a edição da MODTÍSSIMO, evento realizado no Aeroporto Sá Carneiro, Porto.

2019 - Exposição/Participação do bordado de Castelo Branco (Colchas e Inovação) na MOMAD, evento realizado na IFEMA MADRID. A MOMAD é o maior escaparate comercial do sul da Europa para apresentação de novas coleções de moda e tendências.

2019 - Exposição/Participação do bordado de Castelo Branco (Colchas e Inovação) no BLOOM - evento realizado no contexto da Portugal Fashion, na Alfândega do Porto;

2020 / 2021 - Realização da Exposição PONTOS.PT, dedicada às colchas de Castelo Branco e às tapeçarias de Portalegre. Esta exposição esteve presente, em 2020, na Galeria de Exposições da Universidade de Salamanca e em 2021 no Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco.

2021- Produção de um Vestido de Gala, com apontamentos de bordado de Castelo Branco, da autoria do designer Dino Alves, para Valéria, concorrente ao Festival da Canção.

2022 - Edição da 3ª Revisão do Caderno Especificações do Bordado de Castelo Branco;

Em 2023, têm vindo a ser implementadas as seguintes ações:

. Elaboração de um livro infantil com jogo pedagógico sobre a temática do bordado de Castelo Branco. Apresentado a 06 de fevereiro de 2023;

. Ação de capacitação profissional através da realização de um curso de formação de bordados a decorrer na Fábrica da Criatividade, em horário laboral, destinada a desempregados. Iniciou a 03/03/2023 e termina a 26/09/2023, estando previsto que as formandas realizem um estágio no Centro de Interpretação do Bordado. Foi implementada outra ação de formação, com início em maio de 2023, em horário pós-laboral, destinada a ativos e a funcionar como projeto piloto na freguesia de Alcains, concelho de Castelo Branco.

. Protocolo desenvolvido entre a Câmara Municipal de Castelo Branco, a Universidade da Beira Interior e o Instituto Politécnico de Castelo Branco para o desenvolvimento de um projeto conjunto denominado “Design Tradição e Inovação - De TI” que envolve os estudantes, as bordadeiras e o Bordado de Castelo Branco (em fase de validação);

. Realização de um simpósio dedicado ao bordado de Castelo Branco realizado no dia 06 de fevereiro na Biblioteca Municipal de Castelo Branco;

- . Realização do I Encontro Internacional de Cidades Criativas e Desenvolvimento Sustentável, realizado de 12 a 15 de abril no Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco;
- . Realização das Jornadas “Os Bordados Tradicionais - Criatividade e Inovação”, realizadas a 26 de abril na Fábrica da Criatividade;

- . Realização de um vídeo promocional sobre o Bordado de Castelo Branco;

- . Criação de um website de promoção da Candidatura de Castelo Branco à Rede de Cidades Criativas da UNESCO com o Bordado de Castelo Branco;

- . Realização de uma exposição Fotográfica denominada “Do Bicho-da-Seda ao Bordado de Castelo Branco”. Para permitir a toda a população do concelho de Castelo Branco o acesso a esta exposição, programou-se a sua itinerância pelas várias freguesias. Pretende-se que fique patente durante um mês em cada uma das freguesias, em local a designar pelas respetivas juntas de freguesia, estando a montagem e a recolha de painéis a cargo da Câmara Municipal de Castelo Branco;

- . Inventário das bordadoras existentes no distrito de Castelo Branco (em fase de conclusão nos restantes concelhos)

- . Recolha fotográfica com vista a integrar o “Programa Saber-Fazer”, onde será documentada a produção artesanal do Bordado de Castelo Branco, do linho e da seda. O programa assenta em quatro propósitos: preservação, formação profissional, capacitação e promoção (em fase de conclusão);

- . No âmbito do projeto AccessTur - Centro de Portugal e em parceria com a ACAPO foram disponibilizados dois painéis inclusivos ao Centro de Interpretação do Bordado e ao Museu Francisco Tavares Proença Júnior. Este projeto assenta na promoção do turismo acessível e na inclusão social através da qualificação da oferta turística, da qualificação da procura turística, da desmistificação dos preconceitos e estereótipos sobre as pessoas com deficiência ou alguma necessidade especial e do desenvolvimento do potencial turístico da região centro. Este projeto é promovido pela Accessible Portugal com o apoio do Turismo do Centro e das Comunidades Intermunicipais que compõem o seu território.

</ACTIVIDADES>